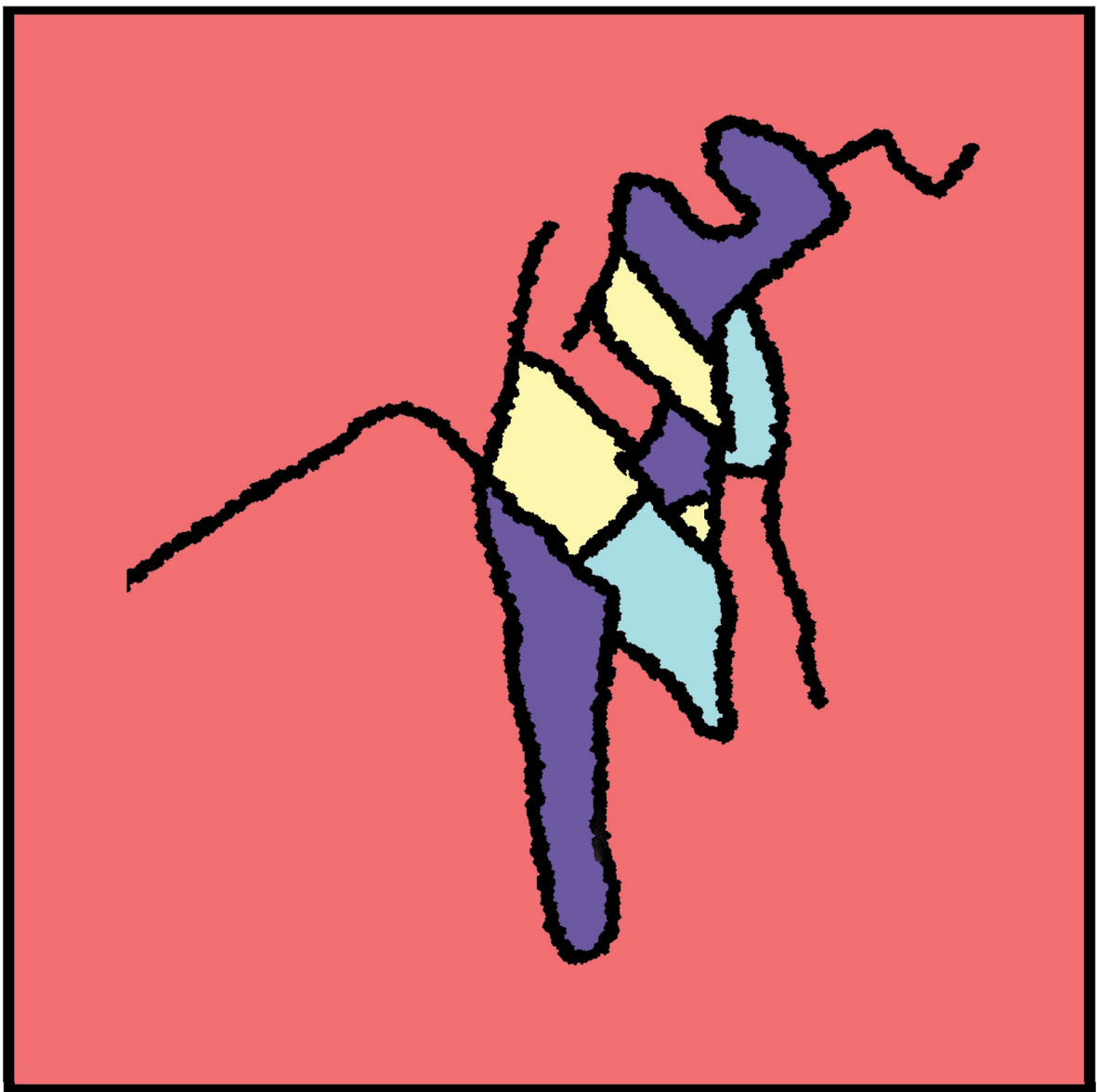


ÁREA 1

arte,
território,
saúde



flavia rosa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN

Trabalho de Conclusão de Curso
Bacharelado em Artes Visuais

ÁREA 1: arte, território, saúde

FLAVIA SANTOS FREITAS ROSA

Juiz de Fora
2026

FLAVIA SANTOS FREITAS ROSA

ÁREA 1: arte, território, saúde

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de
Artes Visuais da Universidade
Federal de Juiz de Fora como
requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em Artes Visuais sob
orientação da Prof. Dra. Carolina
Cerqueira Corrêa

Banca examinadora:

Prof. Malandro Vermelho - IAD UFJF

Prof. Anirã Marina de Aguiar - IAD UFJF

Prof. Dra. Letícia de Alencar Bertagna - IAD UFJF



RESUMO

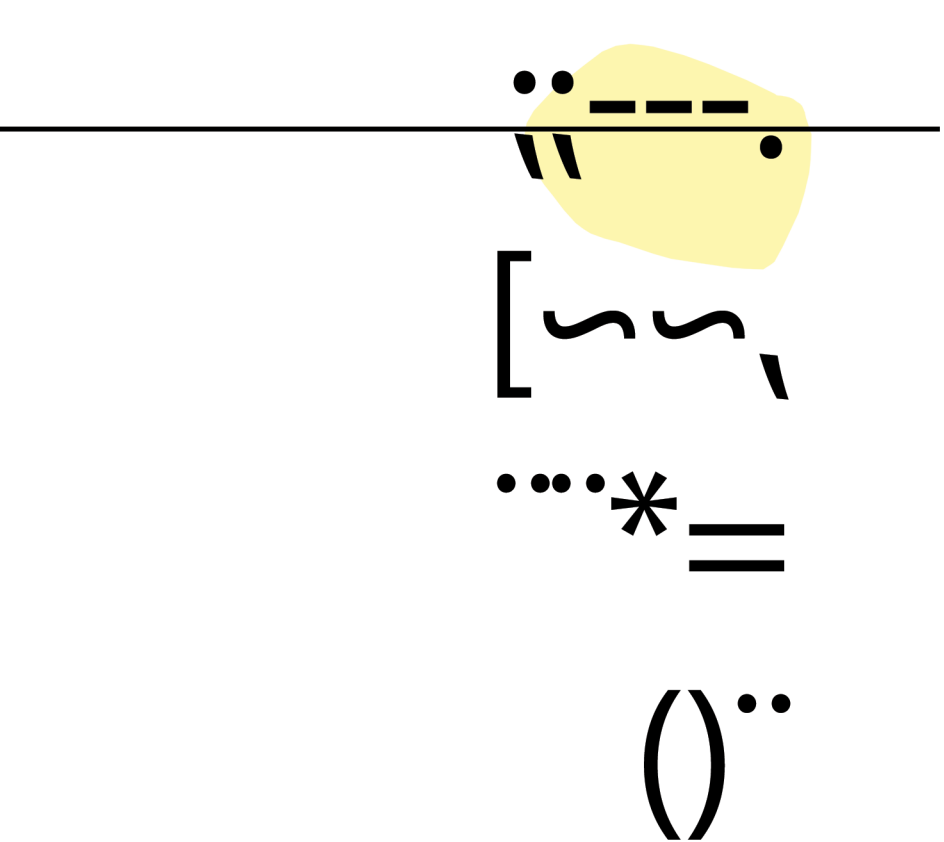
Esta pesquisa investiga as relações entre arte, saúde e território, desenvolvida a partir de experiências vivenciadas no bairro Dom Bosco, em Juiz de Fora (MG), tanto no campo artístico, por meio da participação como bolsista PIBIART da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) com crianças do território, quanto na atuação como Agente Comunitária de Saúde (ACS) na Unidade Básica de Saúde (UBS) do bairro. O bairro em questão, enquanto território periférico, é atravessado por questões raciais, históricas e socioeconômicas, reveladas nesta pesquisa por meio da escuta dos moradores, especialmente idosos. Objetiva-se construir uma narrativa que não parta do exotismo ou da precarização, mas da valorização da oralidade, do pertencimento, dos afetos e das vivências. As fotografias produzidas no projeto artístico e as experiências construídas no cotidiano da UBS constituem o percurso poético e metodológico da pesquisa, articulando imagens, memórias e narrativas. A pesquisa adota a escrevivência, conceito desenvolvido por Conceição Evaristo, como ferramenta metodológica de escrita, articulando vivência, memória e produção narrativa.

palavras-chave: território, saúde, escrevivência, fotografia

ABSTRACT

This research investigates the relationships between art, health, and territory, developed from experiences lived in the neighborhood Dom Bosco, in Juiz de Fora (MG), both in the artistic field, through participation as a PIBIART scholarship at the Federal University of Juiz de Fora (UFJF) with children from the territory, and through the work as a Community Health Agent (CHA) at the neighborhood's Basic Health Unit (BHU). The neighborhood, as a peripheral territory, is shaped by racial, historical, and socioeconomic issues, revealed in this research through listening to residents, especially senior citizens. The aim is to construct a narrative that does not stem from exoticization or precariousness, but rather from the appreciation of oral traditions, belonging, affections, and lived experiences. The photographs produced within the artistic project and the experiences developed in the daily life of the BHU constitute the poetic and methodological path of this research, articulating images, memories, and narratives. This research adopts escrevivência, a concept developed by Conceição Evaristo, as a methodological tool for writing, articulating lived experience, memory, and narrative production.

key words: community, health, escrevivência, photography



começo

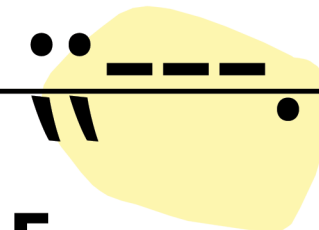
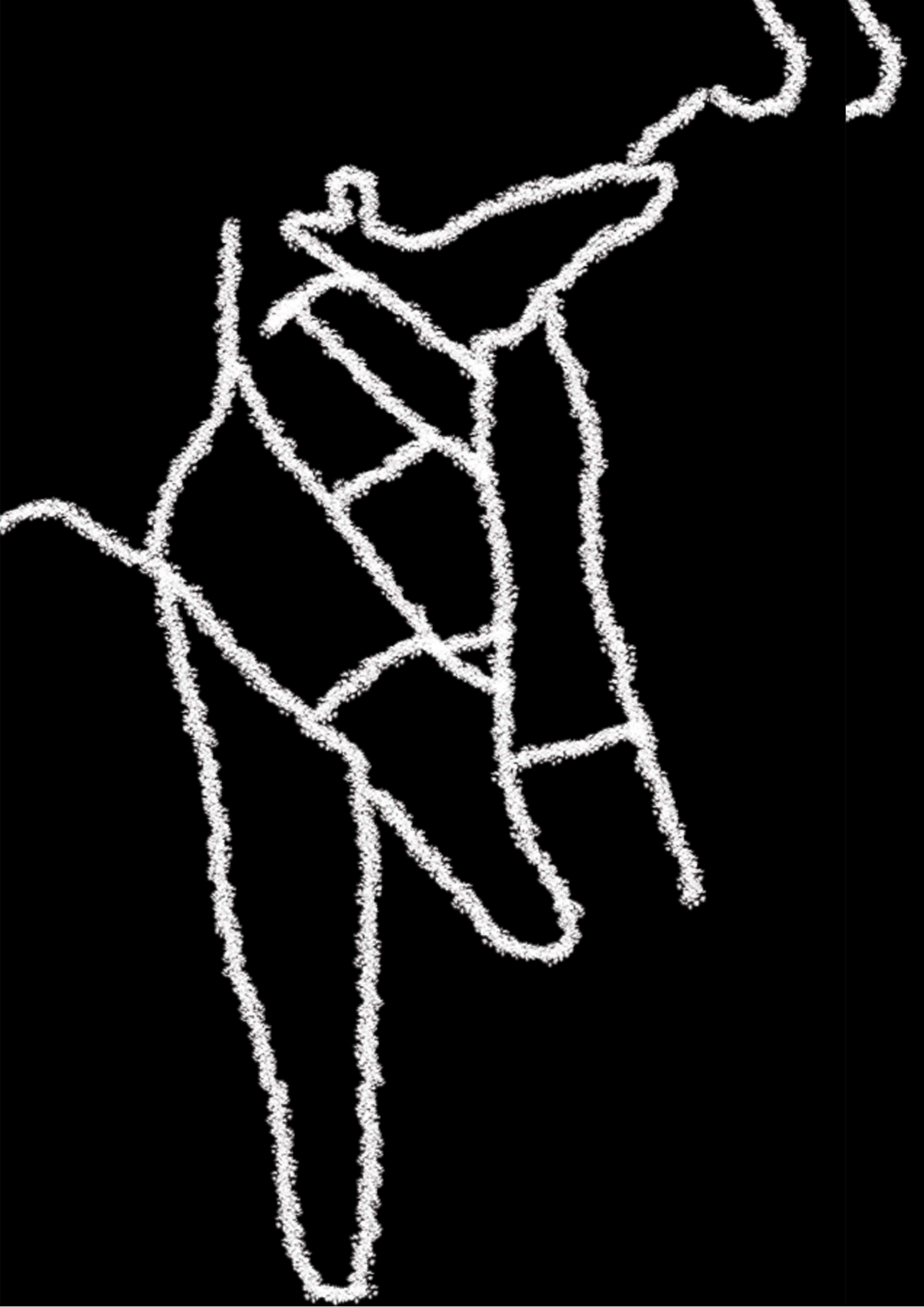
8

meio

22

começo

98



[~ ~ \

... * =

() ..

quando nós falamos tagarelando
e escrevemos mal ortografado
quando nós cantamos desafinado
e dançamos descompassado
quando nós pintamos borrando
e desenhamos enviesado
não é porque estamos errando
é porque não fomos colonizados.

nego bispo



o bom de estar escrevendo isso tudo agora é não precisar mais fingir essa imparcialidade. apesar da suposta neutralidade ainda não ser tão evidente na academia, pra mim agora é. e isso tira um peso das costas mas ao mesmo tempo coloca outro. e o vermelho disse algo sobre escrever e entender o que me atravessa. e sobre os recortes, os afetos. e daí eu percebi que o ponto em comum nos meus escritos talvez seja a dor. e em qual momento da minha subjetividade isso se tornou tão importante eu não sei. como eu vi em algum dia em algum lugar: eu sou um ser sentimental. e talvez tenha a ver com isso de ser artista. mas não necessariamente. tipo do que veio primeiro o ovo ou a galinha. como se importasse.

o que importa é que me sinto profundamente tocada pelas vivências, diversas. e por escutar por horas, até ficar chato. das expressões criadas, dos segredos, dos modos de dizer, tudo isso me interessa. mas geralmente acabo escrevendo sobre a dor ou a morte. desde a morte do carniça¹, calango, pros filhos da ofélia², vizinha da minha vó, pra mãe da taise³, cliente dos meus tempos de telemarketing pro fortaleza⁴, menino que conheci no seu último dia de vida vívida até o césar⁵, irmão da iracema. mas não me considero pessimista, penso no copo meio cheio e meio vazio. não um ou outro. essa dualidade de ver as coisas entra um pouco nessa pesquisa.

minha vontade não era de retratar a partir da precariedade ou de um exotismo de um antropólogo qualquer e sim, do senso de comunidade, união, que não necessariamente significa também uma eterna harmonia mas que ainda assim significa muita coisa nesses tempos de individualismo. das soluções criativas, das ressignificações, dos signos, dos códigos, dos apelidos. mas como falar disso tudo sem esbarrar nas dores? é justo deixar de lado tudo isso pra tentar não cair num estereótipo branco e colonial? justo nem é palavra e talvez o tal estereótipo já começa aí. ainda não sei até onde vai minha licença poética e a carteirada de artista sem perder os ditos pressupostos.

e sim o hall foster (FOSTER, 1996) já falava sobre o artista como etnógrafo e da responsabilidade que nele habita, do risco da intenção e da realidade da produção. mas ainda tenho medo de errar. e vermelho, se o que me toca é dor mas eu não quero retratar ou focar na dor, o que eu faço? porque a dhara disse que o texto era triste e sim, era mas não foi na intenção de ser, então o que, ou como, fazer? da branquitude, da neutralidade, da responsabilidade, como tornar essa pesquisa o copo meio cheio e meio vazio? até onde ir? o que mais falar?

até que ponto o eu importa se eu to falando é dela?

isso pra dizer que o que você está prestes a ler é uma **escrevivência**.

e eu entendo a escrevivência como uma escrita que nasce do corpo, da memória e do afeto, sem a tal suposta neutralidade que nunca irá existir, não importa quantas terceiras pessoas do singular e frases acadêmicas se coloque. já pra conceição evaristo a

"escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é. mas, ao escrever a si próprio, seu gesto se amplia e, sem sair de si, colhe vidas, histórias do entorno. e por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade. não se restringe, pois, a uma escrita de si, a uma pintura de si." (EVARISTO, 2020, p. 35)

e a princípio eu queria isso. tentar de alguma forma relatar, trazer, falar sobre a multiplicidade. do tanto de personagens, vidas, relatos, segredos e convites que sou atravessada diariamente. e do jeito que eu sempre fui muito na minha e nunca fui de ter muitos amigos mas lá eu me sinto vista, querida e conhecida. e a escolha das frases que começam na metade ou no final também vem um pouco nesse sentido. dos dias que não são úteis mas corridos. dos espaços que são as pausas nas falas. mas que nem tudo tem começo, meio e fim.

na verdade é muito mais o começo, meio e começo do nego bispo (santos, 2015). e naquele dia a bete tinha dito que me contou o meio e depois voltou pro começo e que outro dia contava o fim. e o fim nunca veio. mas ela começou de novo no começo antes daquele começo. e do saber apenas os recortes, o que vem ao caso, o que pode falar porque o caio tá escutando e dos relatos atravessados. mas no meio disso tudo tem o eu, o eu que escuta, que olha, que observa, que sente e que escreve. esse eu também atravessado por seus próprios pontos de partida, experiências e vivências. e isso foi importante. poder reconhecer e apoiar esse **eu**. só que é um eu específico, não necessariamente narcísico.

e eu ficava pensando como vou defender essa meia dúzia de meias frases. em qual formato eu coloco? em qual categoria enfio? mal sabendo que bastava ler mais conceição evaristo pra entender tudo que eu vinha mais ou menos pensando. e ela diz que:

"a escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. creio mesmo que o lugar nascedouro da escrevivência já demande outra leitura. escrevivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade." (EVARISTO, 2020, p. 38)

e eu só entendi isso melhor no laroyê. naquele dia que o o vermelho falou pra eu falar de mim. primeiro eu meio que não entendi, que lugar eu ocupava pra falar de mim. e agora eu me vejo mais nessas liminaridades do ser e estar. do eu importar mesmo se eu to falando dela. e como esses escritos são muito sobre isso, sobre o viver e estar em coletividade ou **confluir** (SANTOS, 2020).

carniça

decidiu dar logo um basta à essa vidinha miserável de sangue frio que levava. morreu de morte morrida. todas as moscas compareceram na missa do sétimo dia. a procissão começou com seu corpo inerte no cimento quente da garagem até o destino final dentro da terra fresca. cova rasa que eu mesma cavei e espero que goste. rezei uma penca de pai nossos pela metade. que você logo se apodreça até se transformar em matéria orgânica qualquer e depois vida novamente. **amém**

teixeirinha

mataram os filhos da ofélia na porta de casa. sem mais nem menos. e se eu tivesse que arriscar diria que o teixeirinha teve culpa nisso. fato é que crescer tendo ele como avô não ajudou em nada. nem dos netos ele gostava. e dava 18 horas, ele começava a beber e atirar. e se for ver os buracos de tiros ainda estão no muro do outro lado da rua. e olha que a casa dele era nos fundos. e pagava bebida pra todo mundo. pelo receio e desgosto ao sujeito, iracema parou de vender pra ele. mas antes disso, do outro lado do balcão do bar, escutava sua turma de milicianos confessar crimes à gargalhadas. os compadres faziam fila na frente de sua casa às 23 horas pra comprar armas. os rostos na fila variavam mas a fila nunca faltava. e no dia que teixeirinha não apareceu, não teve fila. e ninguém foi o procurar. e passaram 3, 4 dias. daí alguém foi e ele estava desacordado, quase morto, embaixo da cama. mas ninguém queria assinar pra ambulância. e quando já estavam o tirando da ambulância, a iracema, mesmo sem gostar do sujeito, por algum resquício de humanidade, foi quem tentou o salvar. porque assinar ela não assinou mas ligou pro genô ir assinar. e ele foi. e assinou. mas não deu jeito e passados mais alguns outros dias, teixeirinha morreu. marlene, esposa que tinha saído de casa depois das tantas ameaças de morte, foi quem teve que cuidar dos preparativos do velório.

e da porção de revólveres e de amigos, nenhum apareceu.

naidi

naidi morreu há 3 meses e 3 dias. é, morreu. taise me ligou hoje pra dizer e disse assim: minha mãe morreu. disse também que foi na loja falar e falou assim: minha mãe morreu. e eu disse meus pêsames. mas queria ter dito que sinto muito ou o que lá se fale quando naidi morre. sim a mãe da taise sempre com aquele rabo de cavalo no alto. morreu. o jeito comum que levava a vida não foi diferente na morte. morreu do mesmo jeito que todo mundo. de covid pra cova. e queria ter dito qualquer coisa a mais mas acabei dizendo foi menos.

e o júlio pediu que eu rezasse por ele. e eu não entendi então ele repetiu que rezasse por ele com o santo que acreditasse. então júlio estou rezando você não vê? essa é a reza, pode ler.

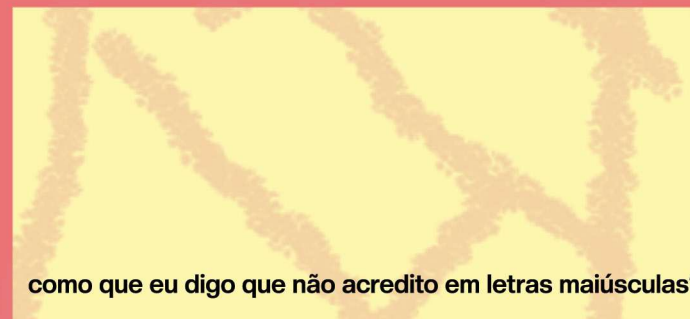
fortaleza

fortaleza caiu e não levantou. não vi caindo nem levantando. só escutei o barulho. vê se tem pulso e tinha. uma segurava a mão e a outra a outra. diziam diziam falavam falavam. eu me perguntando se ele escutava. e chegou a ambulância. a segunda que tinha que ter médico mas e a primeira que não tinha. sucateamento disse a terceira. mas tinha que ter disse o quarto. e foram embora. e fortaleza na prancha amarrado estirado. o quinto com a camisa escrito acém chã patinho e lagarto. foram mas não sabem se fortaleza volta.

e foram se os dias	30
e foram se os quilômetros	8
e foram se os beijos	2
e foram se as lágrimas	238
e foi se você	22

césar

no total, eram nove. sobraram, quatro. iracema, césar, celso e edinho. agora, três. césar morreu hoje. não sei do que. só sei que zélinha, amiga de infância, irmã de criação, ligou pra avisar mais cedo. iracema disse bem assim: que horror menina, não brinca. mas não era brincadeira nenhuma. essa semana mesmo iracema me falou de césar: o que ele tem de grande, eu tenho de pequena. moço alto dos olhos verdes, 14 anos mais novo. e também que a mulher de césar morreu nem tem tanto tempo. parece que ela fazia hemodiálise toda semana no hospital. eles, ela e césar, césar e ela, iam juntos de táxi. dentro do táxi ela lembrou: esqueci o portão aberto. não deu nem tempo de voltar pro carro. caiu e morreu ali na calçada mesmo. vai ver foi assim com césar também: uma luz acesa ou um gás ligado.



como que eu digo que não acredito em letras maiúsculas?

se o ponto final já termina, por que a letra precisa ficar grande pra dizer que começa?

e não me entenda mal. não é por falta de saber. mas mais por vontade de não usar. de não ver sentido ou necessidade. e o mesmo vale pras vírgulas, quem disse que as tenho que usar? ora sim, ora não. viu como eu sei?

agora não precisa mais.

e eu até gosto de letras maiúsculas mas só se elas estiverem **ASSIM**. e das frases com sujeito e predicado mas que eu prefiro mesmo é começar pela metade.

A ARTE ME LEVOU AO TRABALHO E O TRABALHO ME TROUXE DE VOLTA PRA ARTE

a verdade é que depois do burnout ou da depressão, o processo judicial trabalhista ainda tenta definir o que (porque o laudo diz depressão mas o advogado diz burnout e a empresa que não era nada), eu não fui mais a mesma.

"eu fiquei doente. depois, fiquei doente de novo. e de novo. de coisas diferentes mas repetidas. fiz exames, comprei remédios. fui em clínicas, hospitais, centro espírita e terreiro. chorei num hospital e o médico me disse que não precisava porque eu iria melhorar. o que eu sabia, mas estava chorando porque eu estava lá, sozinha, mais uma vez, mesmo a 1126 km de distância, numa viagem de trabalho, e sabia que não ia ser a última. eu fiquei na cama por semanas. parei de fazer todas as pequenas coisas que eu amo fazer. tirar fotos na rua. escrever sobre estranhos. fazer colagem. dançar no meu quarto com música alta no fone antes de dormir. perdi a inspiração que eu via em todos os lugares. formei, viajei. nem as coisas boas importavam. chorei numa farmácia e com professores. tive dois ataques de ansiedade na rua. minhas roupas pararam de servir. disse que não conseguia sair da cama para amigos. ninguém pareceu se importar. não a ponto de realmente fazer algo a respeito. até que um dia a psiquiatra finalmente me disse o que eu vinha pensando. "ninguém vai te salvar".

dos meses afastada pelo inss, dos remédios, da perda de si e da vontade de não levantar nunca mais da cama, não restou tanto da criatividade. de todas as cenas fotografáveis, de todas as colagens fazíveis, as gravuras graváveis, pouco restou. da falta de armazenamento, pra galeria vazia. ainda é difícil pra mim voltar pra aquele tanto de inspiração que eu tinha. mas no meio disso tudo, teve um projeto pra lei paulo gustavo. nada tão inédito mas ainda algo. espécie de reciclagem do pibiart, fotocópia 2.0 - ou necessidade de continuidade de projetos sociais-artisticos, como dizia na justificativa. ou porque o aluguel, a luz, internet e comida continuam. e precisava de meios de divulgação. dai eu coloquei vários inclusive a tribuna de minas. e o projeto não passou. porque deixamos a linha de exemplo de como preencher a planilha. mas veio o email de notícia do concurso. dai eu fiz, e passei. e não vi o atos do governo. e só atendi a ligação porque achei que era meu ex tóxico. mas era sobre a convocação que eu não sabia. mesmo olhando todos os dias, que mudou de data. e virou meu aniversário. e cá estou eu, 1 ano e 11 meses depois.

e o legal desses nossos encontros do laroyê é poder passar a semana insatisfeita com o trabalho, a prefeitura, a médica, a supervisão e sair de lá com mil textos iniciados pela metade. que às vezes se perdem. e não mais voltam. mas outros aparecem. e ficam. e eu falo sobre o que eu gosto, as pessoas. voltando a ter aquele sentimento gostoso quando se tem uma ideia boa e da vontade de fazer logo.

tudo isso pra dizer que esse projeto começou a meia década atrás. num pré-projeto de metodologia que foi aprovado no pibiart mas nunca realizado porque deu pandemia e a procult perguntou se queria fazer online ou esperar e fazer presencial. e eu disse que esperava pois no projeto falava que ia fazer em escola e como não tinha aula, não tinha como. mas dai passados os meses cancelaram o edital pra quem escolheu esperar e abriram um novo. e depois eu consegui de novo no ano seguinte. e da escola da área rural que a marília falou decidi ver o que estava mais ao meu alcance, físico, e o que fazia mais sentido pro que eu almejava, democratização da fotografia, dentro da minha vivência. e decidi procurar o que tava acontecendo pras crianças no bairro que eu moro há 6 anos, dom bosco.

descobri a aban e o amargen. o amargen não deu mas depois acabei trabalhando lá como professora de artes voluntária e sai porque passei no concurso. a aban deu e eu fiz. e a aban fica na rua do campinho. e o campinho são as crianças mesmo que fazem brincando na rua. mas também chamada formalmente de joão beghelli. e a hebe me ajudou e chamou as crianças que tavam na rua porque inscritas mesmo no formulário oficial foram só duas, que não eram do bairro e só foram na primeira aula.

e nessas horas eu queria muito ter uma memória um tiquinho melhor pra poder falar como foi. ou quisera eu ter escrito. mas não escrevi então ficaram as fotos pra contar a história. e o nome do projeto era fotocópia, pra contrapor com a massificação imagética atual, fotografia experimental. e no primeiro encontro fizemos câmeras-escuras com caixa de papelão e papel manteiga. e as caixas que eram de redbull eu peguei num evento que trabalhei no terrazzo. e um desenho pra pensar o que eles pensavam primeiro quando pensavam em fotografia que depois eu passei contact e coleí imã pra poder colocar na geladeira.

e o segundo foi de colagem. comprei papel kraft e uns bloquinhos e fiz a capa deles com o kraft para que eles pudessem fazer colagem nas capas. colagem, tinta, caneta. um caos. mães odeiam atividades com tinta mas eu ainda não sabia disso. o terceiro foi de cianotipia mas começou tarde, tava nublado e eles não ligaram muito. o quarto e quinto oficiais foram de fotografia digital. com câmeras possuídas e emprestadas. cybershot. handycam. câmera semipro. tablet. e não tinha uma pra cada então eles brigavam mas se divertiram e as fotos saíram lindas.

e terminados os encontros ainda me faltavam os direitos de imagem. então subi lá mais um tanto de vezes pra tentar descobrir onde moravam aquelas crianças e seus pais. eu com aquela prancheta e alguém me perguntou se eu era do censo. mal sabia que ano depois estaria nas mesmas ruas com prancheta trabalhando como agente de saúde. e toda vez que eu ia perguntavam: tia, ta com as câmeras aí? então comecei a levar e dai mais um monte de fotos.

e teve um dia que tava tendo um evento do julho das pretas e tinha barraquinha e pula pula e piscininha de bolinha e muita gente feliz. o dia era nublado mas as roupas coloridas. e depois disso eu não fui mais lá, a não ser pra um dia de noite com a clara, lucas e wesley porque era pra ter baile. mas já tinha lombrado então não teve baile pra gente. e cruzava com alguma das crianças subindo ou descendo às vezes. mas nada muito além. e dai o projeto pra paulo gustavo pra voltar que não passou mas que eu voltei indiretamente graças à ele. só que como clt na saúde.

e nisso virei a **menina do posto**, agora por poucos conhecida como **tia da fotografia**. só que nesse meio tempo escrevi um novo pibiart, ainda na linha de fotografia experimental mas pensando mais na experiência anterior, o que eles gostaram da oficina e gostam mais no seu dia a dia. dai pensei em fazer só com fotografia digital, que eles mais gostaram, e no final fazer uma cianotipia numa pipa, que já costumam empinar, que eles mesmo fariam, tanto a pipa quanto a cianotipia. e depois a letícia me mostrou o trabalho marielle da paula duarte (DUARTE, 2018) mas acabou ficando só na fotografia digital mesmo.

e dessa vez foi diferente porque eu conhecia todas as ruas, as crianças, seus irmãos, de quem eram filhos, onde moram, onde estudam. e também foi diferente porque elas não foram. o que antes sobrava de criança que eu não dava conta de dar toda a atenção no processo criativo que gostaria dessa vez faltou. dai eu subi pra rua de cima, antes ficava mais restrita a rua do campinho. e chamei eles à domicílio, e eu sei que é chamei-os mas assim é melhor. mas pelo visto minha moral tava baixa e aqueles constantes "tia quando vai ter de novo?" não valeram de muita coisa.

no primeiro dia foram alguns e o joão foi e me ajudou. e foi bom. e no segundo só as gêmeas, pretinha e branquinha, e a karina. e fomos em todas as ruas. e no terceiro eu tinha levado até monitor porque meu notebook tava com a tela quebrada e lá na aban não tem projetor mas ninguém apareceu. e quando eu já ia embora o ryan, primo do brayan, que nem tava perguntou se não ia ter. então teve pra quem tava ali. e pra finalizar invés da pipa, foi lambe, ali mesmo na fachada da aban.

e quando eu fui pedir autorização pra diretora eu achei que ela não ia deixar. mas deixou e perguntou se eu ia passar algo pra fixar pras crianças não arrancarem. e eu fiquei honrada por poder saber que aquele trabalho não seria temporário, como é de natureza do lambe. mas a resina que comprei não foi pareô pras crianças. no dia em si, foi eu, a catarina, a hemilly, irmã da catarina, a papapa e o luruchi. e alguns transeuntes passaram e pararam pra olhar. alguns olhavam de longe de um lado sentados na calçada, do outro sentados em cadeiras tomando cerveja. e no final gostaram. e apontavam pras fotos reconhecendo os vizinhos, parentes ou amigos. e depois me falaram que era legal aquilo. mas não durou muito tempo. isso foi final de semana e alguns dias depois quando subi lá trabalhando algumas das fotos soltando, algumas já arrancadas. e eu vi o rael arrancando e fiquei triste. e agora com a copa, aquele mar de fotos virou um mar azul inspirado pela copa.

então agora que você já sabe a origem das fotos que está preste a ver, quanto ao que você vai ler em seguida é importante saber que é um recorte. claro. como tantas coisas da vida não diferente nas pesquisas. e isso daqui parte de vários recortes, existenciais, temporais, poéticos, relances de conversas, dias, anos, mas também um recorte geográfico. quando eu falo de dom bosco pra quem não conhece pode até entender mas só quem mora entende que **o tanto que** só dom bosco não diz muita coisa. **você mora onde?**

porque o museu do território do dom bosco (projeto da UFJF do pessoal do turismo) dividiu o bairro em 5 áreas. a prefeitura em 4 - incluindo umas ruas do são mateus. o kiko eu não sei em quantas. moradores ora em duas, serra de cima ou serra de baixo, ora em mais. pra neuza é alto ou baixo dom bosco. mas tem o 11, o morro dos cabritos, a grota, o chapadão.

e se for pra falar eu falo que moro na baixada. na parte que é dom bosco pra neuza mas pro betão já não é mais. mas trabalho mesmo é no chapadão, não só no chapadão mas em algumas ruas adscritas: rua do posto, rua da igreja, rua do monte sinai, rua do lado do monte sinai. e o chapadão também por si também têm 7 ruas. só que nesse negócio de ser ACS (agente comunitária de saúde) era pra eu ter entrado com uma microárea mas como não tinha ACS nem PSF lá na UBS a prefeitura colocou 1 vaga só pra ACS. mas dai alguém falou que não dava porque era muita gente e daria 4 áreas - 4 equipes de médico, enfermeiro, técnico de enfermagem e ACS. e tinha que ser no mínimo 12 ACS então no final das contas colocaram 4 vagas e até hoje só foram 3. e uma veio de outro bairro. então ao contrário da maior parte das UBS que já eram PSF temos áreas e não microáreas. e a minha é a **área 1**.

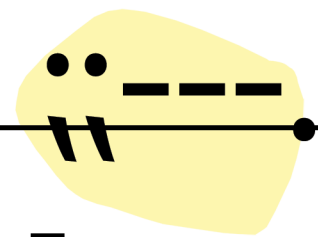
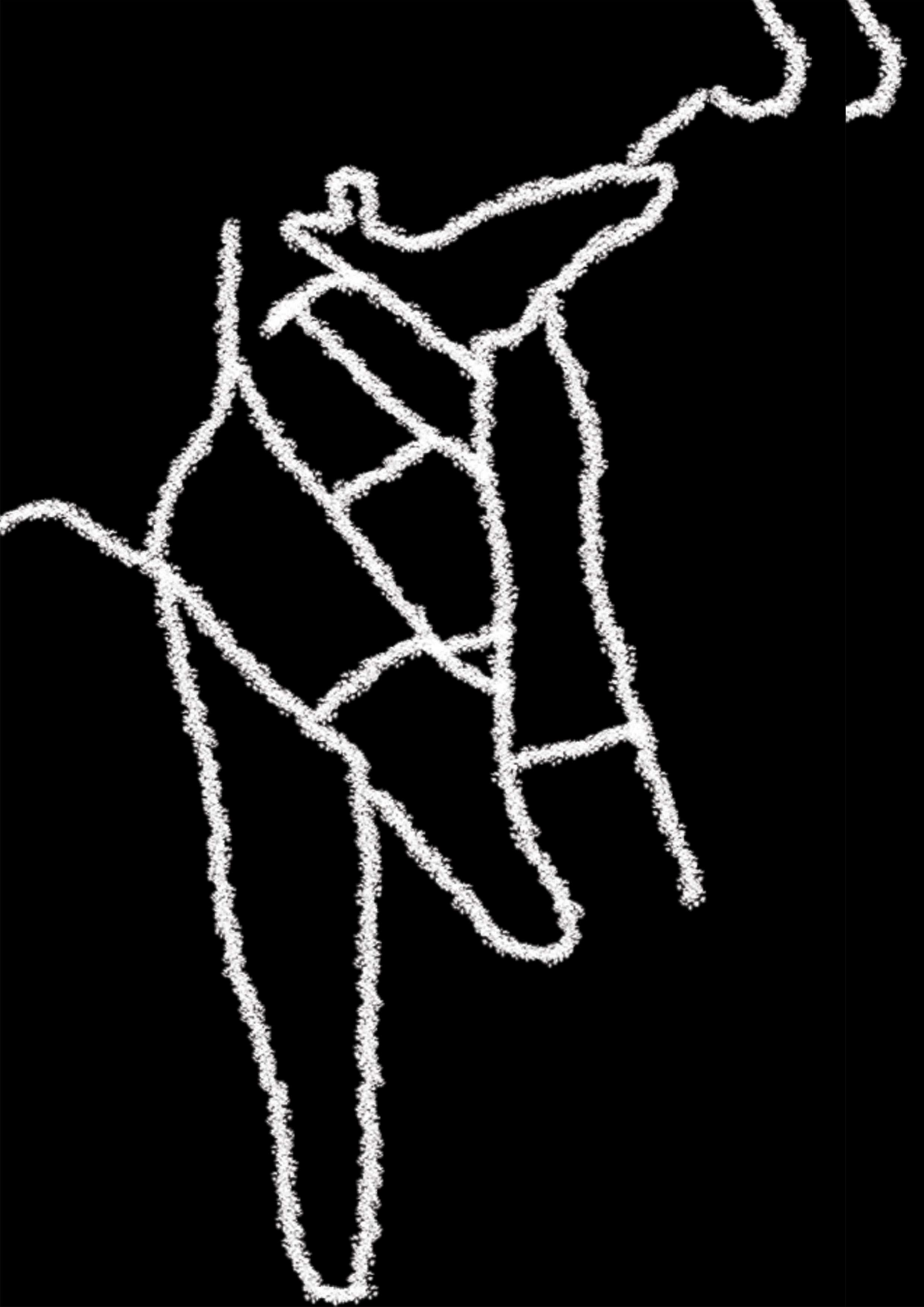


Via Sacra da Periferia
Terceira Estação
Jesus cai
pela primeira vez
"Os jovens caem no
subemprego diante
da ausência de
oportunidades de
escolaridade"
ABAN

ENCONTRO

DE LUZ

ENCONTRO
DE LUZ



[~ ~ ,

... * =

() °

aviso:
os fatos são reais.
os nomes são falsos,
com exceção dos verdadeiros."

Michel Alcoforado



na minha cabeça, tanto tempo. agora olhando no calendário, nem tanto. a verdade é que eu pensava nela direto. que estava pra procurar mas acabei conhecendo por acaso. de tantos dias que pensava em voltar lá mas precisava de tempo, calma. coisa que vai contra minha fama de andar correndo, abafada. e hoje foi o dia. dos assuntos diversos. alguns repetidos, outros ausentes. nada do marido alcoólatra ou dos filhos distantes mesmo no mesmo terreno. da bambeação do corpo. da falta de verdura no prato durante a semana. das netas que trabalham. do almoço de domingo. da importância de dar a vara, e não só o peixe. dos móveis ganhados que o renato queima. das promessas não cumpridas. do ciclo da pobreza. da negligência médica. da familiar. da dona luci. dos estudos. das varizes. da filha, que mora longe mas veio visitar.

e principalmente, da vontade de resolver o mundo só falando.





2005 deve ter sido um ano difícil pro armani. 27 de maio, a tia emília. 1 de junho, o pai. 21 de junho, a mãe. 11 de agosto, a kátia. todos se foram em menos de 3 meses. "morreram? não. o corpo que eles usavam, a ferramenta que eles usavam, a biologia que vestia-lhes o espírito, feneceu. o coração parou de funcionar, ela por traumatismo, os outros por doenças e fragilidades orgânicas, e embarcaram para o além", palavras do armani. ditas 18 anos depois com uma certa leveza, apesar da ausência da mesma no assunto. e naqueles 7 minutos e 50 segundos do dia 11 de agosto de 2023 armani falou sobre o depois, o continuar vivendo, se dedicando, amando e fazendo o bem. sem esquecer mas sem lamentar.

e talvez, seja assim, tipo assim, desse jeito armânico, que se possa falar sobre dor sem tanta tristeza.

e o engraçado é que eu muito escuto. nem tanto falo. mais pergunto. e alguns poucos perguntam de mim. e eu respondo. e foi assim que o pijama pergunta da minha vó em belo horizonte, o real dos meus pais em petrópolis e a bâ do meu namorado em alto taquari. e a dona conceição pergunta se eu to bem da saúde e diz pra eu ir lá tomar um café com a vó. e a vó é ela.

e naquele dia a bâ depois de mais um desabafo perguntou se eu não me sentia sozinha por estar longe da família. e eu disse que sim, principalmente quando ficava doente (porque me traz de volta aos tempos de depressão-burnout). e ela disse que podia ser uma mãe pra mim. e a cristiana sempre que me vê me abraça forte e diz que eu sou a filha dela. e outro dia eu pus meia no pé dela porque ela diz que não consegue por causa da barriga. e ela me dá tapete e pano de prato escondido e diz pra eu não contar pra ninguém.

e a sandra sempre que me vê fala que eu sou corajosa e que não sabe como eu consigo. estar longe, sozinha. mas que precisando é só falar com ela, e isso quem costuma dizer sou eu. e o engraçado de mim e da sandra é que eu tinha pavor dela. por causa do dia que ela fez barraco comigo porque tava conversando com a fernanda sobre cabelo e não prestou atenção no que eu disse, que tinha que passar na fila. e eu só sabia a rua que ela morava e passava lá com receio de encontra-la mas não lembrava seu rosto. e um dia ela foi lá no posto pedir desculpa e eu não a reconheci. e só depois eu entendi quem era. e depois fui na casa dela, fiz o cadastro e ela perguntou de mim. e sempre que eu passo e ela tá na porta ela mexe comigo. e diz que é pra eu ir lá tomar um café. e reclama que eu não fui ainda.

e eu agradeço por isso, todas as tias, vós e mães que ganhei.





com quantas palavras se faz uma frase
com quantas casas se faz uma rua
porque tem rua que é reta
e tem rua que faz curva
uma ou duas
tem parágrafo que vira texto
e caminho que vira rua
e rua que ganha nome
de rua e
pra kátia falconi
mas que ninguém mora
quer dizer, até mora
mas diz que não
porque ninguém sabe onde começa
até onde termina
e se elas dizem que não
quem sou eu pra dizer que sim
e eu tento explicar
mas pra quem não conhece
é difícil de entender
daquelas coisas que só quem sabe, sabe
sabe?
que na verdade
de silvério
quando sobe
pra gustavo dodt
quando desce

quando vira texto e deixa de ser parágrafo
quando vira rua e deixa de ser travessa, beco e escadão

das crianças não-brancas declaradas como se fossem. do racismo que começa cedo e a auto declaração que começa quando. da raça definida a partir de horas: 12h. da não categorização: morena. das escolhas diversas: amarela. do olhar de cima pra baixo. das perguntas. que que eu sou. o que você acha. do na minha certidão tá assim. do minha vó era tal. do dilema ético. ou moral. do letramento racial. ou do abuso de poder.

e hoje o João, Maia, inverteu a coisa. porque era pra ele se autodeclarar. moreno. moreno escuro. baiano-índio. no final, preto. e aproveitou pra me declarar também. quer dizer primeiro perguntou o que eu era: branca. e ele disse que não. que era meio morena. menos no pescoço.

e conversamos. sobre o que faz aos finais de semana. sobre a infância e a atualidade. sobre as coisas do corpo. sobre plantar o que se come. come. e que onde cresceu nunca faltou comida. e não ficava doente. mas que começou a trabalhar com 7 anos na roça. e sabia fazer muita coisa. e depois construiu muita casa. até lá em Petrópolis. e eu falei do ruço. e lembrei da música da Té, ou nega preto dependendo como você a conhece, "o ruço cobre essas montanha. nada novo pro clima. se brota alguém de fora vai chamar isso de neblina" (NEGA PRETO; TOPRE, 2021)

e conversamos. que aos finais de semana pesca no lago. e como é bom ficar na natureza. e de alguma forma eu soube que ele era o João Maia. e eu tenho essa coisa de decorar o nome completo dos pacientes. e do real eu já decorei até o telefone de colocar todo mês na planilha do did. e a Djamilé falou que eu tenho cabeça boa, por causa disso. só que o dele eu tinha decorado do sistema. sem nunca ter visto ou conhecido. quer dizer podia até ter visto e não sei. porque leva um monte de vezes vistas pra eu lembrar o rosto de alguém. e naquela tarde descendo o escadão em frente a casa da Miséria a Alanis me parou. e disse que tava procurando **a doidinha do posto**. e algo sobre ela me pareceu familiar. mas eu não lembrava quem era. e disse que tava de férias. então pedi o nome completo e telefone pra colocar no caderno da dentista pra dentista marcar e ligar. e era a Alanis, irmã da Alanna, do Ezequiel e do Micael. filha da Joaquina e neta da Joana. sobrinha do Gian. e eu sei os nomes deles todos decorados completos mas os rostos não. só o do Ezequiel que era pequenininho quando fiz o primeiro pibiart e agora já tá enorme. e a Joaquina. e ele falou que foi bom conversar comigo. e que eu tinha presença. e que sabia escutar com atenção.

e conversamos. enquanto o sereno serenava. por volta das 10h da manhã dessa quinta-feira. e marquei consulta pra terça e fiz cartão de controle pra ele. até que conversado a conversa, ridas as risadas e perguntadas as perguntas, fui. e enquanto eu ia, já a alguns passos passados, ele perguntou de longe se eu não queria ir na casa dele tomar um café. e eu disse que outro dia.

e fui na bá. e tomei um cigarro, sem café. mas ela disse que se eu quisesse ela passava. e separei os documentos dela e do Ryan pra levar no evento do cras no semente sábado que falei pra ela. pra atualizar cadúnico porque um dos papéis dela que eu achei na sacola tinha escrito que era pra atualizar em 06/2026. e ela perguntou de novo se eu ia tá lá. e eu disse que sim. e que não sabia da certidão ou da identidade mas lá a gente resolve.

e cheguei no posto e pedi de novo dois ultrassons que o João tá precisando mas perdeu sem saber. porque a esposa também idosa não deve ter visto as mensagens do Diga no WhatsApp. e depois eu a conheci e descobri porque: ela não sabe ler. e ele nem sabia que tinha perdido. mas eu vi no meu celular enquanto conversava com ele na rua. e relancei mas vai demorar. e se não eu não tivesse visto ele não ia saber. e o tanto que coisas assim acontecem todos os dias e fica por isso mesmo.







e a b4 falou que s3 fuma derby. pode ser? e eu disse que sim podia. e ela me deu um kent. e isso acabava comigo quando eu trabalhava no (bar do) chico. quando fala um nome que 3 outro mas todo mundo sabe que 3 aquele. tipo calton que se escreve carlton que 3 dunhill, aquele especifico. porque tem v4rios dunhill. e o minister que era um ultraje fumar na minha adolesc3ncia em petr3polis mas virou rothmans que 3 de boa fumar agora. e eu compro por 50 centavos na mercearia do lado da padaria que tomo caf3. e quando pedia free ent4o. daquele tanto de ma3os n4o era nenhum. e na internet fala que o free virou kent. e eu to fumando kent. que pelo visto tamb3m 3 derby.

e isso foi porque ela foi acender o cigarro no fog4o. que tava apagado em cima da mesa. e eu disse que tinha isqueiro. e ela perguntou se eu fumava. e eu disse que sim. e ela se eu n4o queria um. e eu disse que depois, que terminava aquilo primeiro. e aquilo era aquelas pilhas de papel que tavam nas sacolas. de pedidos e resultados de exames, de encaminhamentos nunca encaminhados, de contas antigas, de alvar4 de soltura do gustavo, de foto da carolina, e da alice, de c3pia de documentos, de receitas sem validade, do resqu4cio de certid4o do bruno, dos pap3is do inss e dos antigos empregos.

e 1 hora e 1 sacola de pap3is picados e pitacos dados depois, tudo organizado. 1 envelope do natan. com nome e o que tinha dentro. um dela. com nome e o que tinha dentro. e uns pap3is pra deixar mais f4cil pra levar no neg3cio do cras que vai ter no semente s4bado que vem. e a pastinha que a esther comprou pros pacientes. e coloquei caderneta do idoso, cart4o de vacina, cart4o sus, protocolo do proctologista que t4 esperando mas demora muito. e fiz um papel de preventivo e cart4o de controle de press4o alta/s4ude mental que marquei pra ela. ai chegou na hora das receitas e do raio x e n4o ia caber porque a pasta 3 pequenininha. e ela disse se n4o dava pra dobrar mais. e deu. e coube direitinho. cada quadrado de um lado. e por 4ltimo um papel/lista pra organizar. 1- os 3 rem3dios que faltou comprar, 2- raio x: ata hor4rio local, 3- preventivo: data, hor4rio, local.

e esse foi o saldo de presentes essa semana: 1 cigarro, 2 panos de prato e 4 laranjas do s4tio de piau

e no encontro do laroyê depois de lermos “rastros de uma submetodologia indisciplinada” da jota mombaça (2016) a carol disse algo sobre o deboche na escrita. afinal quem se chama pêdra? e eu lembrei do debauche da noah. e com a performance “terço” da pêdra eu lembrei da íuna. com a pêdra foi assim:

“natal/RN, janeiro/2010. pêdra ativa um processo de expurgação do projeto genocida da cristianização colonial sobre seu corpo, fazendo do terço cristão um conjunto de bolinhas tailandesas com as quais penetra seu próprio cu, para depois, num evento público, retirá-las uma a uma, exibindo, assim, um método possível de construção de um “prazer-saber”²⁸ sexo-dissidente e anti-colonial.” (MOMBAÇA, 2016, p. 349)

e com a íuna foi assim:

berlim/ALE, abril/2026. “ao me ver, ele se ajoelhou e disse que estava sentindo a minha falta. implorou que eu desse as minhas mãos para que ele pudesse beijá-las. obviamente eu recusei! — só de pensar naquela boca nojenta tocando as minhas mãos senti enjôo. acho que era isso mesmo o que ele queria, que eu acabasse vomitando, para que então ele pudesse beber todo o suco gástrico misturado com os restos de comida do meu estômago. nojento! confesso que não consigo entender o porquê, mas me divirto ao ver o estereótipo do homem branco e privilegiado se humilhando aos meus pés. ele chegou colocando todo o dinheiro dele na minha cabeceira, e junto do dinheiro, ele também me trouxe uma rosa de presente, e como forma de agradecimento eu enfiei a rosa toda dentro do rabo dele!” (MARIÁ, 2026)

e eu pensei nisso como uma inversão pedagógica da dalva (ASSIS, 2024)

e a carol também disse algo da malícia. e agora eu penso sobre os autores que citam a si mesmos. porque geralmente só quem pode validar nossa produção de conhecimento é o (SLAVINSKY, 1988) mas e o poder que tem (ROSA, 2021)? em que momento branco se definiu que algo só pode ser verdade se alguém já disse antes? e se já disse antes, por que eu preciso repetir?

como se não se pudesse pegar um fragmento de ideia e utilizar para o que eu bem quiser sem o autor nunca saber. mas se ele já disse, porque é geralmente sempre ele né, ninguém pode questionar. quer dizer, poder, pode, dentro dos parâmetros acadêmicos. mas não costuma questionar.

então eis aqui a verdade: “minha pesquisa é isso: circunstâncias.” (LIMA, 2015, p.91) e isso que eu acabo de fazer não passa de uma leitura salteada, como a mesma bem disse:

“eu posso apresentar um poeta afirmando-o, pelo simples fato de silenciar as partes que eu não gosto e trazer ao ritmo, trazer à luz, os poemas que eu gosto. logo em seguida, posso fazer o gesto inverso: negar sua existência, numa simples seleção de poemas que não me agradam. talvez o que eu esteja falando é de uma leitura salteada” (LIMA, 2015, p.97)

e pra falar da noah. mancini. como definir e apresentar pessoas que você conhece? porque se for falar da cida bento é mais fácil, é menos íntimo, mais distante. não tem o cuidado e algum possível descuido dos limites entre o institucional acadêmico e os encontros noturnos marginais. mas pra falar da noah tem uma coisa diferente. parece uma responsabilidade maior. e será que os autores renomados que já se conhecem entre si nos pequenos círculos falam ou pedem pros conterrâneos na hora de os citá-los? e pra falar da noah eu pesquisei alguma forma de melhor explicá-la. pensei que era melhor achar algum pedaço de mini bio de artista ou biografia que tendo ela mesmo escrito não teria erro.

e daí em algum site já desatualizado dizia algo sobre que fala que “seu interesse atual reside nas liminaridades éticas e estéticas” (MANCINI, 2022) e eu me identifiquei com isso. no sentido de que muita coisa do que eu aqui falo tem além da ironia uma certa audácia. afinal quem sou eu pra tanto falar e criticar? será que você me enxerga como depois disso tudo? branca com ou sem brancura? (CARDOSO, 2014)?

mesmo assim

“muitas vezes penso que preciso dizer as coisas que me parecem mais importantes, verbalizá-las, compartilhá-las, mesmo correndo o risco de que sejam rejeitadas ou mal-entendidas. mais além do que qualquer outro efeito, o fato de dizê-las me faz bem.” (LORDE, 1977)

e a lina me mandou mensagem. a conversa arquivada. pensei que era mais uma das suas correntes de bom dia boa tarde boa noite com fundo estampado. mas não. era um vídeo de convite pra festa de aniversário dela. que ela tinha dito que ia mesmo me convidar. mas eu meio que não acreditei ou não esperava. e se fosse outra pessoa talvez não seria tão significativo. não pelo convite mas pela festa. porque quando eu a conheci ela praticamente não saia de casa. há anos. mal na porta. e eu fico feliz que a conheci. que insisti. que levei a médica. e os remédios. e as receitas. e os pedidos de exame. e que escutei quando ela falou das filhas, das netas, das miçangas e das breves saídas.

e hoje ela disse que talvez vai se mudar. pro jardim de (a)lá. se cansar, volta. se gostar, fica. mas que aparece. pra consultar. mesmo que não funcione assim. mas que só faltou eu. e eu disse que não deu mas que ano que vem dá. e ela que disse que agora só daqui a 10 anos, com 60. mas que naquele dia se sentiu como se tivesse 15. e o parabéns demorou, uma década. e os filhos organizaram tudo. até as unhas e o cabelo. e o conjunto, liso. e o rosto, estampado. (sorriso)





o pijama que é tio da piu. e to que é irmã da toko. e a nego que é mãe do xereca. e a lene que é irmã da nalda. mas o peixe e o peixinho não são parentes. nem a bâ e a bê. mas o tchu e o tchuchu sim. e o nome da tia lia não é lia mas até sua irmã conceição a chama assim. e do tiliu parece que é tio liu mas não é. e também o real. a china. o patinho. o zé pequeno. a buda. o genô. a papapa. o luruchi. a doca. o leco. a dica. o neném. o tim. o kakai. o charrê. o maluco. e a miséria.

como explicar que o casemiro mora na mesma casa que o valter mas que cada um mora numa rua? talvez da mesma forma que no sobrenome da mãe o i vem antes do r e no dos filhos o r vem antes do i. (saveiro-saveiro) (manoel lopes silva-joão begHELLi)

como explicar onde fica a casa no meio do escadão? porque se falar a segunda casa a esquerda não leva em conta que a casa do carioca são duas, só que num portão só. e de qual escadão? que pra prefeitura é um mas pra mim é seis. porque mesmo se for a segunda a esquerda do escadão da joão com a manoel, qual delas? porque a primeira casa/porta é do ricardo, sobrinho, a do meio da sobrinha, que até hoje não conheço, e só a da outra ponta mas meio que reta que é do casemiro, do valter e da evair.

e isso me lembra aquela fala da macaé evaristo (EVARISTO, 2026) que ela falou pro aluno que eles fariam um mapa da vila fátima, onde ele morava, e ele perguntou se ela endoidou. porque não dava pra fazer um mapa de lá. e ele disse que só acreditava se visse um mapa com a vila fátima, os estados unidos e cuba. e que naquela década de 90 não tinha arruamento então as pessoas não tinham endereço nem cep então não podiam receber cartas. e também daquele episódio de cidade dos homens que o laranjinha e o acerola resolvem fazer um mapa da sua comunidade pra meio que ajudar nesse sentido. só que isso ainda acontece.

como explica que é difícil explicar a localização de certas casas. seja pela numeração irregular. do 59 que fica do lado 237. e do 88 na gustavo dodt que pode significar a casa da layenne entre o 100 e o 180 ou a casa do roberto duas subidas curvas depois. e se me perguntar eu sei que o 442 é no início da rua, em frente a mercearia da thiana, e o 425 é lá pro final da rua, na curva depois do bar do genô. e são tantos pontos de referência e passagens mas só quem sabe sabe. e pra quem não sabe dá vontade de desenhar pra facilitar. mas eu tentei e não consegui. e lembrei que meu senso espacial é horrível. assim como minhas habilidades de desenho. e nessas buscas, seja por mim ou pelos entregadores da shoppe e mercado livre é a oralidade que salva: os vizinhos. porque eles sabem quem mora onde. quem é filho de quem. até quem tá em casa e quem já saiu pra trabalhar.

e a importância desse negócio de cê é filho de quem. e como ajuda a entender algumas relações ou endereços. e eu pensei nisso naquela aula de teorias antropológicas contemporâneas que o luzimar falou da etnografia dele sobre folia de reis numa cidade do interior de mg/urucuia/roça (PEREIRA, 2011). e lá tinha muito disso.

e no chapadão também tem. pra saber que a família rodrigues tá em todas as ruas. tipo da mãe do zezinho que mora na joão begHELLi e ele na gustavo dodt. e ele que é pai da camila que morava na esquina da silvério com a manoel e agora com os filhos rodrigo e helena no escadão da rua da igreja com a joão begHELLi. e que a mãe da mãe do zezinho mora em frente ao genô com uma das filhas, a neta e os bisnetos. e a china filha da irmã da mãe do zezinho mora na kátia falconi do lado da irmã e da mãe. e que assim vai. mas que agora tá ficando nos apartamentos do tiuliu por causa da chuva e a interdição da defesa civil. por causa daquele barranco que caiu entre o portão sul e o monte sinai. do lado daquele prédio novo que quem construiu nunca vai morar. e que quem comprar vai querer com vista de frente e não de lado pra não ter vista da favela. mas que o preço ainda vai ser caro por causa da localização e gentrificação. e que já foi quase tudo vendido.

e também da família pereira, dos assis, das salles, dos sá, dos jesus, dos neves, dos silva, dos santos e por assim vai. e a minha vontade era de fazer uma árvore genealógica geográfica de lá porque nem sempre eu entendo quem mais é parente do tiago e se é do lado do pai ou da mãe.

e naquele episódio do podcast da erika hilton com a urias (HILTON, 2026). a urias falou dos efeitos da colonização. como que apagaram tudo. a religião, os nomes, a cultura. e a história do dom bosco é um exemplo perfeito disso. das poucas fontes que se acham a maioria falam o mínimo do mínimo. e giram a narrativa em torno de duas pessoas. homens, brancos. como de costume. que ganharam ruas de seus nomes. pra não ter briga entre os irmãos cada um com a sua. por dar e vender alguns terrenos. sem documento. na ficha (cedido). e que alguns parentes remanescentes ainda repercutem a narrativa do tataravô benfeitor e do povo ingrato. o negócio de ex-escravizados, do quilombo mal aparece. mal mal da gentrificação atual. e as famílias então não importam. não importa que a pergunta mais difícil do cadastro seja desde quando você mora aqui.

e outra coisa que geralmente se atribui a roça ou aos tempos passados do seu geraldo como ele disse naquela manhã de 2021. das crianças que brincavam na rua e como não tem mais isso. mas é só ir na rua do campinho que você vai ver os meninos soltando pipa. ou naquele pasto lá da torre, que tem o escadão que desce do lado do bombeiros na uf. e eu por muito tempo passava descendo da uf a pé pra casa sem saber onde aquele escadão dava. e do jogar bola na rua. ou do só estar e viver rua das várias formas. sentada, em pé, conversando, escutando, bebendo, fazendo trança, brincando, andando de cavalo, fumando, vendendo.





e ela era a 6 do meu roteiro. mas foi a 1 à minha vista. alice não tava. nem o zeca. dai tinha o natinha, a elisa e a felícia pra falar da consulta da francisca, sua irmã. só que a dona maria já tava na rua apoiada num carro do lado de casa. conversando com o (a)demir. e eu falei com ela. e com o demir. e ela falou algo sobre remarcar um exame. e dai a (maria) tereza veio vindo. e ela não tava no roteiro mas eu precisava falar com ela. e ela chegou já dizendo que precisava falar comigo. que tava pensando em mim. e que eu tinha sumido. falei que tava de férias. e eu aproveitei que a dona maria tava conversando, pedi pra depois ela procurar o papel e eu passava na volta pra ver. cumprimentei o chiquinho. segui andando com a tereza. ela perguntou como sempre pergunta. se eu quero descer. e eu como sempre respondo. que pode ser. e eu adoro ela. mas sempre desço um pouco apreensiva. porque ela confia em mim. pra resolver um problema que eu não tenho capacidade de resolver. e eu tentei. e fui lá. tirei foto várias vezes. e fiz um drive. e fui no computador da recepção que tem o email da ubs logado. e mandei pra defesa civil. e entrei de férias. e quando voltei fui ver e eles nunca responderam. e eu perguntei pra tina. e nada. e hoje eu vi a maria tereza.

e o betão perguntou que é que foi, por que eu engordei. e na hora eu não soube muito responder. e disse que tinha dado uma parada nas atividades. pensando agora minha jornada de perda de peso retrocedeu depois de conhecer o iago. da teoria dos quilos do namoro. por causa da distância durante a semana meus finais de semana viraram seus. nossos. e a comida pra semana que eu fazia no domingo deixou de existir. só sobraram alguns sacos pardos de ifood no lixo. e sem a comida pronta assim que chegasse em casa do trabalho o ímpeto de ir pra academia também deixou de existir. e me deixa triste que as roupas que tavam largas voltaram a ficar apertadas. e as que não tavam cabendo voltaram a caber. e que eu nunca consigo chegar no peso ideal pra me desapegar daquelas roupas da época que eu tinha brechó. e eu queria que o betão não tivesse dito nada. sobre isso pelo menos. e talvez caberia bem aquele negócio de devolver o desconforto que eu não sei fazer ainda. mas seguimos.

e quando o betão disse que eu tinha engordado eu não soube responder. e quando a fernanda disse que naquela época eu tava magra demais e que não tava bonita eu não soube responder. e uma semana antes a dona maria disse que eu não tinha engordado de volta e só nessa eu soube responder e disse que tinha sim. isso porque eu emagreci 12kg ano passado. e reganhei uns 5 ou 6 esses últimos meses. e eu concordaria mais com o betão do que com a fernanda. porque mesmo com aqueles 12kg a menos ainda não tava bom. porque nunca teve. e nunca vai tá. e eu já fiquei sem comer e enfiei o dedo na goela e peguei a lâmina do apontador ou do meu pai de fazer a barba. e eu só tinha uns 12. e não tava bom. e agora com 24 ainda não tá bom. e eu rezo pra que algum dia seja. talvez pagando 200 na sessão de terapia. mas talvez nem assim. talvez nunca me sinta satisfeita com meu próprio corpo e sempre sinta essa constante sensação de inadequação. e pelo visto nem os outros.





o ministério da saúde podia ter dito: “o mês inteiro sem comida e no início do mês, é quase”, como a cally (2025), mas preferiu dizer: “nos últimos três meses, os alimentos acabaram antes que você tivesse dinheiro para comprar mais comida?” e “nos últimos três meses, você comeu apenas alguns alimentos que ainda tinha, por que o dinheiro acabou?”.

ou em outra poesia dela:

tudo que é matéria-prima anda ficando mais caro e o que sobra pra gente são os industrializados. esses dias vocês tavam rindo de países asiáticos, mas nós tá cada vez mais perto de também comer os ratos. vejo filas gigantes no açougue do mercado, a mercadoria? ossos, que deveriam ser descartados. e o perfil do cliente? chefe de família desesperado. é o país sucateado, de um povo ainda escravizado, de uma pátria que pariu, mas não tem amamentado. e desde a primeira infância tem os negligenciado. e faz uns três anos que não lembro o gosto de um leite condensado. e o leite em pó ficou tão caro que o que chega à mesa do brasileiro proletariado é um tal de composto pra preparo lácteo, produto caro pra gente, barato pra ser exportado. gritando pra que posso ouvir, mas quem tá de geladeira cheia fingiu não ter se importado. madame só comprando fruta in natura e a dona de casa que vende natura compra do feirante anônimo a mercadoria que tem sobrado. me perguntam por que não faço poesia sobre amar e ser amado, mas se eu e meu amor estivermos sempre com fome, vamo sempre tá brigado. e sem direito a rapidinha, andamos sempre estressados e rapidinha só as pernas pra não chegar no trampo atrasado. e rapidinha é a patroa apontando o dedo com base nos seus próprios fatos e rapidinha são as compras extrapolando um valor estipulado e rapidinho devolvemos as guloseimas de volta pra prateleiras do mercado. eu não escrevo sobre amor, não é porque não tenho amado, não tivemos lua de mel, não dava pra faltar ao trabalho, mas tudo bem, também não teve casamento. o aluguel tava atrasado, até o direito ao romantismo, vocês nos têm roubado. depois nos chamam de ladrão, de traficante e sem futuro. no meu último dia de trabalho a minha vontade também era assaltar o empresário até eu chegar em casa e abrir minha dispensa. foi então que me dei conta, eu quem fui o assaltado, ando ignorando os rótulos nutricionais pra não ter que lidar com os defeitos colaterais até chegar em frente ao espelho e ver o meu corpo magro. só mais uma, só mais uma desnutrição severa pra conta do estado. (CALLYAPOETA, 2025)

e com isso das perguntas tem um monte de coisa. tipo invés de perguntar essa pergunta gradona que ninguém entende eu pergunto se nos últimos 3 meses ficou sem comida em casa e na outra pergunto se não ficou sem mas faltou dinheiro pra alguma coisa tipo mistura. e invés de qual o grau máximo de escolaridade eu pergunto até que ano estudou. e invés de nome do pai completo eu pergunto nome do pai, tem? ou invés de qual seu número de celular pergunto se tá com celular agora. e invés de se tem hipertensão arterial eu pergunto se tem pressão alta. e no final se toma algum remédio porque alguns acham que não tem pressão alta já que o remédio controla a pressão. ou sí tomam por tomar sem saber muito o porquê. e invés de perguntar qual se a casa é com ou sem revestimento de alvenaria eu pergunto se por fora tá com reboco ou no tijolo.

em que momento o estereótipo de gay branca paulo gustavo (no shade paulo gustavo) se tornou um escudo para poder ser abertamente racista e machista? e naquele tom de ironia mas que todos sabemos que tem um grande fundo de verdade. "se é isso que fazem com geral olhando me preocupa o que fazem quando estão no íntimo" (DJONGA; NASCIMENTO, 2025)

e quem ri? quem fica calado? quem muda de assunto? e quem concorda internamente porque alguém disse o que pensava? e como calar esses racistas? no começo daquela música traumas do gyllo tem um locutor que diz:

"eu sou um cara que acho que assim a gente tem que a gente tem que saber debater com as pessoas tem que saber conversar sabe não dá pra gente chegar num cara 80 anos numa mulher de 80 anos e sair querendo impor nossa verdade pra guela abaixo deles a menos quando a gente ta falando com pessoas que são esclarecidamente odiosas porque essas existem e com essas pessoas é guerra" (GYILO, TIZZY, 2023)

o ponto é que com eles é guerra. mas como se faz guerra no trabalho? se for amigo, conhecido, vizinho, namorado é mais fácil de desfazer os laços, seja pela ausência ou quantidade de palavras. agora se for colega de trabalho eu não sei direito ainda. com o manuel eu parei de falar. e com o felipe ele parou de falar comigo. graças a deus. mas ainda temos que manter algum contato ocasionalmente por causa dos pacientes. e eu não sei se parar de falar e evitar basta. porque o que eu tentei falar não bastou. não que eu ache que vou mudar toda a percepção, pensamentos e ideologias de alguém com algumas frases. mas que pelo menos não se sintam à vontade o suficiente pra expressar atrocidades em alto e bom tom.





essa coisa de morar perto do trabalho é boa demais. tipo acordar 6h40 e estar lá 7h. ou até 7h10 (porque tem a tolerância de 10 minutos aí se chegar 7:10:59 pode mas se chegar 7:11:00 o ponto fala que você tá devendo 11 minutos). e de ver o 537, ou o 511 dependendo da hora, vindo e ter passagem mas poder deixar pra lá e preferir andar. e de subir a rua e passar pelo ponto de ônibus que desce pro centro. às vezes com gente às vezes sem gente. e pensar que bom que não estou lá. e de chegar rápido em casa depois do trabalho. mas também de ser parada no caminho, na ida ou na volta.

quando faltam poucos segundos pra não dar atraso no ponto ou quando só quero chegar em casa o mais rápido possível. de pacientes conhecidos pelo acasos da simpatia e pela geografia mas que não são da minha área. e do gilson que beija minha mão. e da angela que me para na portaria do meu, nosso, prédio pra reclamar do oftalmologista horrível que marcaram pra ela. eu ainda dou certa sorte porque conheço mais o pessoal do chapadão mas moro na baixada daí o pessoal mais fica do que desce. mas mesmo assim dos encontros no bahamas da independência. na feira de domingo. nas ruas do centro. ou nas idas no bar da esquina pra pegar um varejo. e de eu ter parado de ir lá porque o dono me assediou durante e após o trabalho. mas de lá ainda ser referência pra explicar onde eu moro. porque a lei fala que o acs é o elo da comunidade e o posto mas esquece que o acs não é só elo mas também é membro. e a lei só fala do lado bom e a gente vive o ruim.

e o pior desses encontros talvez não seja o mais óbvio tipo essa sem noçãozisse de ser lembrada do trabalho sem estar trabalhando mas a quebra do anonimato relativo. o osvaldo falou disso naquela aula de estudos culturais em 2019 que eu fiz com a fração e a emilly. e ele usou o exemplo de alguém que se fantasiasse de homem aranha em uma bolha e depois fosse flagrado assim por alguém fora desse contexto. como se eu tivesse sido descoberta e minha eu profissional ido ralo abaixo. e talvez não seja só sobre não costumar ver seus médicos ocuparem os mesmos lugares que seus pacientes, a não ser que ambos sejam de classe média alta, claro. mas também pelas roupas. sainha, camisetinha, chinelo. eu queria só poder ser vista como a putinha safada do mercado e não putinha safada do posto, entende.

o que mais me pega são os casais, as doninhas e as mães relativamente novas e conservadoras. como se a partir daquele momento eu não tivesse mais tanta credibilidade ao seus olhares. e eu senti isso com a gizele. naquele dia que eu tava indo num bazar no santa cecília e ela buscando o daniel no fernando lobo. e eu de sainha, fumando uma ponta de paiol. e eu a reconheci. e ela a mim. mas não nos cumprimentamos. e depois disso ela não falou mais comigo. quer dizer, por um tempo mas agora com o sogro recém saído do hospital, voltou. e conversamos. bem. e marquei consulta, exame. vi negócio de oxigênio, levei remédio, insulina e encaminhamento. e consulta pro daniel. e eu comprei a rifa de chá de casa nova dela. e ela disse que deus abençoe.

e esse negócio de fumar é outra coisa que me pega. como se fosse um crime me verem fumando. por ser eu, por ser da saúde, sei lá. agora minimamente consegui superar isso e as vezes fumo um café, quer dizer tomo um café e como um cigarro de café de manhã na padaria da esquina. e dou bom dia pra ju daí ela já faz o meu de sempre. copo, descartável, grande, leite, café. obrigada enquanto me passa o açúcar e dá a colher. e a eli do caixa também fuma então com ela tudo bem. daí vou pra fora e sento em um degrau na calçada, de costas para a rua. tiro o cigarro da orelha e acendo. e empresto o isqueiro pra fernanda acender o dela. essa tradição a gente começou quando a aurélia estava lá, nossa fumante senior. e eu sinto falta dela. de poder contar as coisas sem receio. e de não ter o que falar dela a não ser coisa boa. e todo dia era assim. e agora só com a fernanda, eu tento parar. e trocamos umas meias dúzias de frases. e quando a glorinha vem subindo aquele mísero pedacinho de rua que é a borda da mata eu já me sinto novamente flagrada. mas ela não é da minha área então tudo bem. pior é quando é. a marilene, da rua em frente a padaria, ou a letícia, da rua do posto. e talvez nem seja muito sobre nada disso mas principalmente sobre minha constante sensação de inadequação nos lugares, diversos e na necessidade de terapia, urgente.

e semana passada eu encontrei a dona célia. eu subindo, ela descendo. com a alicia, neta. bem no aniversário de morte do gonzaguinha. e como ela eu ainda não superei a morte dele. não só pela morte em si mas pelas circunstâncias. porque dava pra evitar. pelo menos tentar. porque ele morreu de tristeza. de pressão. depressão. de desânimo. sem a atenção de saúde que era seu direito. e que tava tão perto. e eu conheci e falei dele em maio. e ele morreu em dezembro. e eu vi ele sumindo com o tempo. mas não consegui fazer nada pra impedir.

e no dia 25 de novembro eu escrevi:

e o seu gonzaguinha disse que eu tinha ido lá pra procurar paz, mesmo sem haver muita. e a dona célia meio sem entender. interrompia-o. e eu olhava pra ela. e pra ele. e pra ela. e pra ele. e eles não se olhavam. e pra ele esperando alguma história pra eu sentir algum relance de esperança na voz dele. mas não veio. e eu espero que venha.

mas não veio.

e dois dias e cinco dias antes tinha sido tipo isso, só que nesse caso a negligência invés de médica foi familiar.

a dona regina me ligou. e eu quase não atendi. mas atendi. ligou pra dizer algo que eu já sabia. domingos morreu. fingi surpresa. palavra nenhuma foi suficiente.

e esses dias eu vinha pensando nele. no aniversário porvir. um dia depois do meu. só mais um mês. um mês e pouco. mas não deu pra esperar. mesmo com o semblante cansado ainda possuía resquício de alegria no sorriso. dava pra ver que o sujeito era bom, sabe? e tava acomodado mas não tinha desistido.

unidos por um ônibus,
separados por um aneurisma.

procurei um lugar pra enfiar minha cabeça
mas já tava tudo ocupado.

foi assim que eu me senti depois que perguntei pra anna
quezia se o filho morto dela morava no alto grajaú. entenda o
meu lado. é que ela se mudou de outro bairro. tá grávida. é da
minha área. dai fui fazer o cadastro domiciliar e individual dela
pra atualizar nos sistemas. pra poder marcar consulta de
pré-natal e puericultura pras crianças. e ela fez o dela, de 2
filhos e do namorado. só que quando fui atualizar de curiosa
descobri esse outro filho. que podia morar com a avó ou pai,
como acontece às vezes. então eu perguntei dele. só que ele
morreu. nasceu e morreu. ou morreu vivo. quer dizer, nasceu
morto. algo assim. não perguntei mas depois o felipe falou. só
que ninguém atualizou e lá estava o pietro com 2 anos vívidos.





margarete, 65. e sim, fazia terapia. quer dizer, tinha começado. e fez por 3 meses mas daí não deu pra fazer mais. não por falta de dinheiro mas porque se fizesse mais largava dele entende? mas não entenda mal porque é ele é muito bom e não deixa faltar nada. e (ela) desistiu de si mas disse isso de uma forma tão vazia que já não tinha mais o que falar. nenhuma solução bastava. nem as perguntas. nem a minha experiência própria. nem a medicação. nem o filho psicanalista. nem o dengo, cachorro. nem a pérola, gata. nem a antiga profissão, professora. só um pouco a júlia, 5. e naquela 1 hora, entre pedaços de bolo de banana, xícaras de café e um copo de água seu semblante não mudou. e bem que a júlia diz, cada um com seus problemas.



era pra sair 11h. fiquei esperando o wanderson até 12h e alguma coisa. tínhamos nos conhecido mais cedo, lá pelas 7h. e ele voltou pra pegar os remédios da vó que eu peguei com a mar. e o exame que marcou e pedi pro manuel imprimir. dai eu expliquei dos remédios que faltaram. do exame que agendou.

e naquele amontoado de receita, pedido e encaminhamento ele disse que era muita coisa.

e realmente é.

e ele contou da rotina no hospital. dos irmãos. da esposa técnica de enfermagem que não pratica. da vó. com 83 anos registrados mas 86 contados. porque sabe como era naquela época né. e eu fiz um papel dos próximos passos em ordem de importância. e remarquei a consulta. e fiz cartão de controle. e tirei cópia da receita de injeção pra mar. e do formulário de alta pra médica. e conversamos mais um pouco. e ele foi. e eu fui.

e na descida pra casa encontrei com o vicente. e ele estendeu a mão pra apertar a minha. e eu estendi a minha pra apertar a dele. e achei que ia ficar por isso mas não ficou. e eu falei que ele tava sumido. ele começou a contar da mulher em lima duarte. de um sobrinho que bebe cerveja e come churrasco todo dia. mas quer o pai termine a casa que já ganhou de presente. e que queimava o estômago dependendo do que comia. e levantou a blusa e mostrou um caroço na barriga. que as vezes inchava, às vezes doía.

e disse que pelo tanto que costumava beber, era pra estar internado. ou morto, como todos seus companheiros de copo. mas que não faltou um dia de serviço. chegava cambaleando mas ia. até sábado e domingo. e também não enchia o saco da mulher. que a roupa dele ele lava. o café sabe coar. só a comida que não sabe fazer. então compra da beth. e que não consegue dormir. e encostado apoiado no portão daquela casa. e eu doida pra tirar foto dele daquele jeito. com aquele boné amarelo, suéter laranja e marrom de sempre e calça bege. mas não tirei. e passadas mais algumas perguntas e respostas, ele apertou minha mão de novo. e disse algo que não escutei. e eu falei que ia na casa dele essa semana.

e é doido essa abertura que a gente tem. literalmente. de chegar já abrindo o portão e descer a escada. porque mora nos fundos e sabe que se gritar da rua lá de dentro não escuta. ou de já abrir o portão e subir as escadas. de tirar a corrente do prego pra abrir o portão improvisado. da casa que se entra pela janela já na escada. ou da porteira que tem que dar um empurrãozinho pra fechar e abrir. de saber que o cicatriz é manso. e o simba estranha mas não morde. e os gatos do seu nelson deitam no seu colo. e os da dona elza fogem. e os cachorros da aline latem alto mas se chegar pra fazer carinho lambem sua mão num segundo e no outro parece que vão arrancá-la.





e eu fui procurar o armando. lá no 149. casa meio rosa meio roxa. eu já sabia onde era mas nunca tinha ido. (entrado) e continuei assim (de fora). e a vizinha do lado tava na janela. esqueci o nome dela mas talvez seja simone. e o filho da jaqueline e a elisa tavam na rua. elisa com y e z. porque depois que comecei a trabalhar lá isso passou a importar mais. se é souza com z ou com s. teresinha então. e se é normal ou com th. ou se o luci é com y e o emily é com h. ou com i e dois l. e se o apollo que é messi. e a ryhanna que teve neném. mas tem a rihana que é criança. e por isso que precisa do documento pra fazer o cadastro. porque às vezes até a mãe esquece se o luis é com z ou com s. e só esses dias eu fui descobrir que o iracema da minha vó além do maciel também tem souza. que eu acho que é com z. e o da minha vó lourdes que era pereira mas virou santos quando casou. e eu perguntei pra vizinha se o armando, que também era santos, que morava ali. e ela disse que sim. e eu gritei armando. e nada. e nisso o filho da jaqueline disse: eu lembro dela, é **a tia do posto**. e aí mais um capítulo: da tia da fotografia, pra menina do posto, pra carioca, pra doidinha do posto, pra tia do posto. que já foi lá em casa. e eu disse que sim e que tava lá outro dia na casa da tia, do lado. e a elyza disse que lembrava de mim.

e é gostoso o carinho das crianças. dos tempos da aban e tem uns que se mudaram, a maioria ficaram. alguns não vejo mais, outros ainda mais. uns fingem que não me conhecem. tem uns dos tempos do amargem que eu nem dei aula mas que se me veem, abraçam. parece um efeito manada. se um te intitula de tia os outros ao redor aceitam aquele título honorário sem questionar. e acenam quando tão descendo pra escola. e a cobram o desenho pra colorir. o paper duck. que eu nem sabia o que era mas imprimir mesmo assim.

e hoje foi o treinamento do tablet. uma piada. a mesma piada de 1 ano e 1 mês atrás. porque faltava 20% dos tablets então tinha que esperar. então esperamos. e foi aquele mesmo cara arrogante. tal do alexandre sei lá. e aquele cara do ti que já foi lá no posto. e a taiana. que eu não conheci mas já ouvi falar. e esses dias eu mandei um email pra pedir o adicional de gestante do bolsa família da ana vivian aos cuidados de taiana. e talvez seja ela. e eu gostei dela. nem tanto do que ela disse. porque eles não tavam lá pra nos escutar sabe. só pra dizer o que tinham que dizer. porque isso é questão administrativa. e isso é com a coordenação. só que a esther tá de férias. e a substituta, tina, tá mais ou menos de atestado da cirurgia então a gente fala com quem? até porque nem quando elas tão lá dão conta de explicar tudo e escutar a gente direito. um pouco pelo monte de coisa pra fazer e resolver, um pouco pelo aparente descaso com a nossa categoria. e que esta discussão já é coisa passada. não importa que o outro sistema, o pec, é federal, gratuito e muito melhor em todos os sentidos. o pronto sistema municipal, caro e muito ruim. interface de windows 2007. funcionalidade de 1990. pra fazer uma coisa simples tem que ir em 5 abas diferentes.

não importa que todos os nossos cadastros, individuais, domiciliares, marcadores de consumo alimentar, fichas coletivas e visitas tão lá. e as vacinas e consultas também. fora o que já se perdeu nas fichas de papel não digitalizadas. que ocupam um grande armário cheio de gavetas na recepção. que raramente alguém mexe. e que vez em hora alguém chega lá depois de muito tempo sem consultar e diz que minha ficha é 4580. mas não importa. porque a ficha antes era da família. e dos agregados. e de pessoas de todos os bairros. porque antes era ubs tradicional, porta aberta. e agora é PSF (programa de saúde da família), porta fechada, pras pessoas que não sejam do bairro. só que o negócio é que isso de não ser do bairro também é meio subjetivo.

porque o dom bosco é um bairro bem familiar. gerações e gerações. e casas no terreno a mais. dai tem gente que cresceu lá ou morou por muito tempo que se mudou mas ainda se sente pertencente. e quer consultar lá. porque o posto do são benedito é horrível. e o do santos dumont é muito longe. e menos fácil. então cismam e batem o pé que moram sim. e uns conseguem. e meio que eu que tenho que dizer quem mora e não mora na "minha" área. sendo que nem de lá eu sou. disse o sindicato outro dia que era pra ser. mas quando eu, tiago e fernanda entramos, a gente escolheu. eu o chapadão já por um certo afeto por causa do pibiart, o tiago o 11, nascido e criado no bairro, pra ficar longe dos vizinhos e parentes e a fernanda o morro dos cabritos pra ficar perto de casa mas nem tanto. só que às vezes mesmo dizendo e colocando no sistema não adianta. mas às vezes adianta e por isso que a natália e a vitória não gostam de mim. e hoje a andrea também.

mas a boca continua indo lá mesmo assim. e talvez a boca sinta que o território não é um lugar onde a gente mora. é um lugar onde a gente é. porque a história dela, da mãe dela, dos filhos, parentes é lá. e ainda frequenta nos encontros da aban mas não dorme. e o não dormir que ajuda a tentar saber se a pessoa mora ou não. porque até fica mas em que casa dorme? e dizem que o território é vivo mas quem define as metas, regras e critérios não liga pra isso e nunca esteve nem perto de lá.

e dos prontuários os médicos começam do O. mas a gente não pode. tem que lançar tudo de novo. eu com pouco menos de 2 anos, já tenho quase 350 casas, quase mil pessoas. fora os cadastros que ainda não lancei. e as visitas dessa semana. porque sexta o recepcionista não foi. porque a vó dele morreu. a dora, que ficava na janela, na casa do lado da igreja. e até foi uma menina, a dalila, que sabia das coisas. diferente da lana que tava no primeiro dia e acabou desmaiando. e eu fiquei lá ajudando ela. e a lana também naquele dia. e o atual recepcionista eu que criei naquela recepção. porque a taciara me ensinou. quando ainda era pec e sisreg. sem pronto. com ficha de papel. só que segunda o recepcionista também não foi. e também não avisou então não mandaram ninguém.

então eu fiquei de manhã. e a pior coisa é ficar naquela recepção. e fiquei puta. e bolada. mas tive paciência. e tratei todo mundo bem. mas minha vontade era ter feito algo com aquele velho branco que veio falar merda com a dalila. pra reclamar que tava esperando vacina há tantos poucos minutos e que tinha compromisso. e que fica difícil não falar mal do serviço público. e claro que tem que falar mal do serviço público sim mas também tem que tentar entender o caos que foi naquela manhã. e a sobrecarga dos funcionários. e que tá faltando um monte de ACS e um cado de enfermeirx, técnix de enfermagem. e em breve na área 3 menos mais três que o contrato vai acabar e não renova. e que a estratégia da família é sobre o vínculo com o paciente mas quando finalmente conseguem formar vínculos o contrato de um ano acaba. mesma coisa que foi com o marcio, a miriã, a fabi e a marcela.

e depois do treinamento, lá pras 12h30, eu não sabia o que fazer. não sabia se almoçava na rua, naquele restaurante que aceita o ticket, e ia pra academia ou o que. porque eu até tinha levado roupa pra ir pra academia. com algumas outras coisas naquela bolsinha que minha mãe me deu e mal tava cabendo na minha bolsa. na minha bolsa roxa daquelas meio saco, de lado, que a dona maria tentou arrumar o fecho pra mim com martelo enquanto eu remarcava o exame dela no celular. e quebrou uma parte do fecho mas dava pra usar sem fechar até o final. mas que hoje já se desfez e voltou a ficar sem fechar. mas se almoçasse ia estar muito cheia pra malhar. então entrei no sacolão, aquele que também aceita o ticket. mas acabei devolvendo as cenouras e a cesta.

e fui no granel, naquele que aceita o ticket. e conferi com o moço do caixa se aceitava o ticket. porque já teve vez de eu confundir sr do granel com rei do granel. de estar no aplicativo que aceita mas chegar na maquininha e não passar. de não sei mais o que acontecer e pagar no cartão por ficar com vergonha de devolver todos os sacos já pesados. e ele disse que não sabia mas talvez sim. a moça pegou pra mim algumas das coisas que eu tinha anotado numa lista no bloco de notas do celular. e no caixa, aquela agonia. se vai ou não vai. passar o cartão. e ele disse que se aceitasse seria naquela máquina vermelha. que ela aceita todos. só que não aceitou. mas em outra sim, graças à deus, não que eu acredite nele.

e nesse meio tempo conversamos brevemente. e ele perguntou se eu era vegetariana. e eu disse que sim, dá pra ver né. (1 kg de proteína de soja) e ele disse que tinha tentado ser por um tempo. aquele ímpeto que as pessoas que comem carne tem de falar que querem e não conseguem ou soltar alguma piada sem graça qualquer. como se eu fosse automaticamente fiscal de alimentação alheia. como se me importasse. e são umas falas meio capciosas porque a principio demonstram um certo interesse ou empatia mas não passam de discursos criados para colocar o desviante, aqui alimentar, mas poderia ser estético ou político etc, como chato, militante e afins. ou como aquelas pessoas que tentam disfarçar seu racismo sendo mais racistas ainda: mas meu namorado, amigo ou qualquer um que eu conheço é negro. ou e não é porque é sempre um, só um, no máximo um, né. e nesses casos parece que não tem problema exceção virar regra. só tem problema se a regra for direitos e acessos iguais. claro que tem a problemática que igual é igual esse mas aqui entende-se como uma possibilidade de igual não meritocrático partindo desse entendimento das especificidades de gênero, orientação sexual, raça, identidade de gênero classe social e etc.

mas ele era legal e falou que era complicado quando trabalhou com evento. porque tudo tem frango, presunto, coisa que não dá pra tirar. e que era ex sócio do cultural e não sei mais o que. e eu disse que sabia como era porque também trabalhei em evento. no terrazzo. e que o pior de lá não era o pouco dinheiro recebido, as longas horas de trabalho de madrugada, o atendimento ao público ou a dificuldade pra chegar em casa de manhã. mas sim de não ter um banheiro pros funcionários, de ter que furar aquelas filas gigantescas de gente bêbada. porque também não dava pra ficar lá pra sempre esperando a sua vez. e que não tinha um lugar pra sentar e comer. sem ser o chão onde era distribuído o lanche. ou lá fora em cima das caixas de bebidas meio molhadas. mas o pior mesmo era aquelas poças fétidas no meio do bar. de água, cerveja quente, bebidas e fluidos corporais diversos. que molhavam a meia e deixavam os dedos do pé enrugados. por mais de 12 horas. e não tinha o que fazer. acredite, eu tentei de tudo, que eu consegui pensar. galocha da luiso, bota da minha mãe, 2 sacolas intercaladas, 2 sacolas juntas, não sei quantas meias. e o coturno que eu tinha ficou mofado e esburacado pra depois virar escultura na aula do ricardo.

e eu fiz pensando quando o aimbere falou naquela aula de questões filosóficas aplicadas a educação que a origem da palavra trabalho é tripalium. um instrumento de tortura pra meio que empalar as pessoas. e das três estacas daqueles tempos as minhas desses tempos foram pedaços de vergalhão. que eu comprei no centro, levei no uber moto e empalei o coturno.

e na época eu falei que:

"para este trabalho acredito que devo a agradecer minha mãe, pelos genes de acumulação que herdei. quando criança, lembro de sentir vergonha pelos itens que ela pegava na rua ou pela quantidade de coisas que se amontoava em cima dos armários. hoje em dia eu a entendo, possuo minha própria coleção de quinquilharias e sempre passo olhando caçamba de obras. se não fossem pelos genes, este trabalho não existiria e o objeto utilizado estaria em algum lugar provavelmente impróprio para descarte de lixo.

a origem deste objeto se dá na origem da palavra trabalho, tripalium em latim, um instrumento de tortura. como marx disse vendemos nossa força de trabalho e no caso de boa parte da população brasileira isso significa vender nossa dor, diariamente. dor essa que deixa seus sinais no corpo e na mente, grita como se alguém fosse salva-lo de seu destino proletário. isso tudo me lembra do fatalismo latinoamericano do martin-baró (MARTÍN-BARÓ, 2017). dessa perspectiva de aceitar sua inferiorização por não ver perspectiva realista de melhora, em outras palavras, aceitar subemprego pois é preciso pagar as contas. fato é que continuamos a vender nossas dores e consumir as dos outros. então seguimos. até que não hajam mais humanos para explorar ou contas para pagar."

mas poderia dito: "trabalhar é castigo" (SANTOS, 2020)

e trabalha com o que agora: no posto de saúde. porque se falar posto às vezes parece que é de gasolina e se falar ubs nem todo mundo sabe sabe o que é. e ele falou que eu fui do a ao z. e umas 3 horas depois, a andréia, deitada no sofá de casa, disse que não tinha nada a ver. trabalhar lá e fazer faculdade de artes. e até que é mas esse texto mostra que não necessariamente.



e chamei, elisa. e veio, natinha. latinha. lavinha. o irmão da marcia, esposa do luiz. tio da elisa, jaqueline e amélia. o tio da namorada do tiago. e eu já subindo as escadas perguntei se não tinha como chamar ela. e ele chamou. e ela veio. e eu perguntei se ele era o reginaldo. e ele disse que era. e falei pra que fazemos o cadastro dele. e entreguei o cartão de controle que eu fiz pra elisa. e descemos. e viramos.

e eu apoiei a folha do cadastro no caderno. azul. e o caderno eu apoiei numa beirada lá. e fizemos o cadastro. e ele pegou aquela pasta. azul. o sonho do profissional de saúde. as receitas, os resultados de exame, os papéis do cras, os documentos. a esther sempre fala da responsabilidade do paciente. e eu até que concordo mas também entendo que tem que levar em conta os acessos de cada um e que até eu mesma não sou das melhores pacientes.

e ele, com aquela pasta contou. que saiu tem 3 meses. operou há 3 anos. e o irmão não teve jeito. bebia demais. coração ficou grande. mas ele foi salvo 3 vezes. tuberculose, hepatite, febre amarela. não por isso. pulmão tá fraco. e sim que fuma. cigarro. mas depois boró. porque ajuda ele a não ficar bravo. e os remédios de caixa preta são pra isso. e que tão acabando. e eu perguntei quantos tem. e ele trouxe as caixas. e contei.

13 amitriptilina. uns 5 clonazepam. uma caixa fechada de diazepam. e que a dra falou que não ia mais receitar remédio. que ele tinha que ir pro caps. e se o médico do caps não receitasse mas dissesse que podia ela fazia. e que o caps hu esculachou ele. e que agora ele vai no caps perto da são sebastião. que tá marcado pro dia 21. e eu mas que o clonazepam não dura até lá. ele que dava jeito com o diazepam. mas que tinha que tomar água. mas que não podia tomar demais senão saia pelo nariz. e que tava comendo comida mais gordurosa. que às vezes almoça na elisa, às vezes na márcia. mas nunca falta. e que dorme no quatinho meio mofado. e que mesmo meio parado deu um jeito de arrumar aquele outro canto lá. mas que ainda não dava pra trabalhar. só se o médico disser que dá. e tem umas bolinhas que sai. e me chama de senhora.

e tudo estava indo muito bem não fosse o sabido laudo de não sei quantos anos atrás falando que ele era/é um psicopata que não poderia/deveria viver em sociedade devido a sua alta periculosidade.

uma hora ele até falou homicídio e ocultação de cadáver mas no geral me passou uma coisa boa sabe. de um cara maneiro. nada daquela intuição ou observação de "que homem estranho". como tive com o franjinha. e num almoço de família na nova casa da mãe da namorada do tiago ele teria narrado os fatos acontecidos. uma relato um tanto quanto bizarro. mas dai eu contei pro iago e ele falou que era a história do pedrinho matador. e eu nem sei quem é pedrinho matador.

então procurei e ironicamente todos os sites acessados dão ao sujeito uma trajetória triste e violenta, mesmo antes de nascer. que já nasceu com trauma no crânio por chute do pai. e que foi pro tráfico ainda quando criança. que só aprendeu a ler na cadeia. que o pai matou a mãe. que matou o pai por ter matado a mãe. e mais um tanto de gente mas teoricamente porque merecia, moralmente. se isso for moral. olho por olho. uma coisa meio justiceiro ou vingador, se é que tem tanta diferença assim. e que saiu muitos anos antes da pena acabar porque o código penal não deixava ficar mais que 30 ou 40 anos. e que se mostrava arrependido. e mudado. mas mataram ele. dente por dente. por algo com o pcc ou por ter tentado proibir o tráfico no bairro que a família morava. não se sabe até que ponto essa suposta nobreza é real.

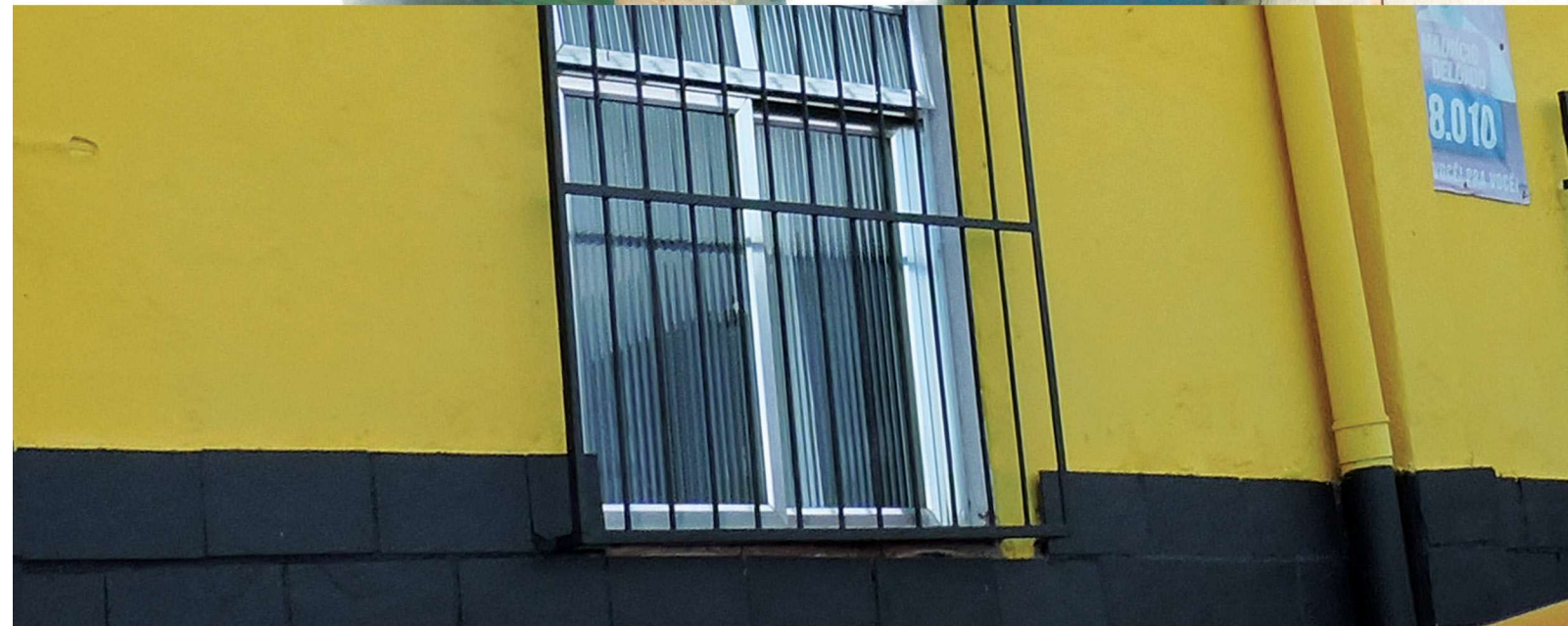
mas de algum jeito eu também meio que sinto um pouco de pena sabe. e se tudo tivesse sido diferente, será que ele seria igual? ou será que não importa o que aconteceria se hitler tivesse ido fazer artes porque ele continuaria sendo hitler? e o natinha? do estudo até a 4a série, da casa que caiu, do irmão que morreu, do outro que tá preso, do pouco que falou do antes mas do tanto que deve ter vivido. e das vulnerabilidades que ainda tá vivendo. até que ponto isso importa? será que de algum jeito ele é vítima e quem fez o laudo é *biased* ou será que ele é tão manipulador que evocou meu lado de ver sempre o bem além? que me faz ser boba ou ingênua em um cado de situação.





e eu subi a rua do posto. e o meia oficina meio buteco do dalvo tava fechado. subi o escadão da rua da igreja. na rua de cima a thay com a bella no colo. o arilson vindo andando na minha direção. terça feira ele me mostrou as mãos pra dizer que tavam dormentes. e alguma coisa da coluna. e eu disse pra ele ir consultar. e ele disse que tinha ido e eu disse que a médica tava de folga mas que fosse amanhã. e ele foi. dai perguntei se tinha conseguido exame e ele disse que sim. thay não me viu. mas o valentim, sim. o cachorro do bill. e abanou o rabo. e eu subi o outro escadão. e vi a bê de longe, como quem parecia que queria dizer algo. mas pela distância e miopia fui direto pra casa dona maria. e a porta da casa da dona maria, a vó, da casa de baixo, tava fechado. porque normalmente fica aberto. e eu já ia abrir o portãozinho pra subir a escada pra casa da marilândia, filha, mãe da maria flor, neta, que é mãe do bento, bisneto, que era quem eu procurava. mas vi o rosto dela na fresta da porta da casa da dona maria. então sorri. e fui em direção a ela. e a bê que devia estar acompanhando a cena de longe sorriu. e de onde estava falou algo do tipo isso, eu já ia te falar isso. e eu disse obrigada de cá. e abri a porta. e esbaforida expliquei que o prednisolona que a pediatra da upa passou é forte e que a dose é alta. e que cria resistência e tem muito efeito colateral. e que a médica recomendou 2,5ml e a farmacêutica 2ml. e dentro da sacolinha junto com os remédios entreguei o cartão sus do namorado dela. e ela falou que ele tinha deixado no bolso da calça e pôs pra lavar. mas que ela tinha foto e me mandou e eu imprimi e levei. e perguntei da cirurgia da dona maria. e ela disse que ela faz drama mas sempre dá tudo certo.

o jeito que todo mundo sabe que o nome da íris é íris mas
ainda alguns alheios que insistem em questionar aos
sussurros sua identidade. o jeito que insistem em chamar a
melyssa pelo nome morto só porque tá no início da transição.
o jeito que dizem-se profissionais capacitados mas não sabem
identificar e acolher corpos dissidentes.





e depois de arrumar a casa fiz o que me restava. o que eu adia. a louça que parcelei outro dia. to com essa mania de boba de parcelar louça. lavo quase tudo mas acabo deixando algum utensílio mais desagradável pra trás. esse dia foi um tabuleiro com resto meio agarrado. e hoje foi a mesma coisa, só que com uma frigideira, que usei até bombril e esfolei o teflon dela pra mais partículas intoxicarem meu corpo. e isso porque minha coluna dói. dói por causa da coluna torta desde criança, que faz o quadril ficar torto e porque o quadril tá torto, deixa uma perna torta também. e também por causa da recente descoberta, hérnia de disco. e retificação de pescoço porque o que era pra ta reto, tá curvo e o que era pra tá curvo, tá reto. e isso é uma das coisas que eu tenho em comum com os idosos. sempre um assunto pertinente na língua. isso e da perícia. que eles dizem inps e pra mim é inss. mas da coluna é mais fácil de falar com qualquer um.

e geralmente eu lavo louça escutando música. só que o celular acabou a bateria na hora e eu coloquei pra carregar no quarto invés de na cozinha. e quis levar o computador pra ver abbott elementary. só que o disney do joão deslogou ai não deu. então coloquei um podcast do michel alcoforado. O CORPO VELHO. quer dizer, é tudo culpa da cultura: O CORPO VELHO (ALCOFORADO; ZAMPIROLI, 2025). e li rapidamente a descrição o convidado osvaldo. zampiroli. e li mas não me dei conta. que era aquele mesmo osvaldo que eu te falei. da aula de estudos culturais que eu fiz com a fração e a emilly, lembra?

e eu não lembrava da voz dele. nem do jeito, nem da cara. por causa daquele meu negócio de não conseguir imaginar as coisas. mas me lembrei de alguns detalhes que ele deixou pelo caminho. que tinha algo de pesquisa com prostituição. ai explicou que começou a pesquisa no motel. da antropologia do som e dos fluídos. mas ninguém quis dar papo então foi para a rua escutar as meninas. e ele achou que elas iam falar de sexo mas falavam sobre amor. dai a pesquisa virou pra isso. e depois em algum momento não dito que ele foi pros idosos no asilo. e eu lembrava que tinha algo disso da pesquisa dele de asilo. e ele falou da interlocutura dele, da frasista. e eu gostei disso. porque eu nunca soube definir o que as doninhas são pra mim. porque usuária ou paciente não dá conta. tem uma intimidade e um carinho que falta. e quando ele falou da frasista preferida dele eu lembrei da soraya. e naquele dia eu lembrei exatamente o que ela disse. e escrevi. da vontade de resolver os problemas do mundo só falando. porque às vezes eu perco. fico tentanto memorizar, repetindo na cabeça enquanto escuto novas coisas. mas sem querer ser inconveniente de alguma forma disruptar a narrativa anotando no caderno ou no celular. mas às vezes perco.

e ele também falou que o envelhecimento é um fenômeno feminino. estatisticamente. e que a velhice foi inventada. assim como a infância. que é o que eu mais escuto. que naquela época não tinha isso (estudo) só tinha aquilo (trabalho) e muito pouco daquilo (brincar) e a forma que o estado abandona os idosos atualmente. porque coloca eles e a família como mais responsável. sem dar conta dos que não conseguem mais se responsabilizar por si ou dos que nunca tiveram acessos pra saber seus direitos e responsabilidades. dos que não tem mais família ou que a família não quer saber mais. ou dos que têm empréstimos feitos em seu nome mas continuam negligenciados. e que colocam o envelhecimento como aquele período pra aproveitar e fazer tudo que não deu tempo de fazer em 60 anos. e que o envelhecimento saudável é totalmente fazível. basta comer bem e fazer exercício. sem dar conta dos que não escolheram o que comiam, dos que trabalhavam onde lhes adoecia o corpo com movimentos repetitivos, trabalham mesmo depois de aposentados ou fazem biscate, que eu conheço como bico.

e no final falaram da longevidade. dessa coisa que querer viver pra sempre. e daquelas tentativas meio de filme ou meio criogênicas. seria essa forma de não querer largar o osso (o osso sendo os privilégios e o poder ganhados no nascimento) coisa de branco? e o michel falou da vó dele que não queria ou pretendia viver tanto quanto está vivendo. e realmente eu não lembro de nenhuma doninha falando algo sim, pelo contrário. e eu lembro também das minhas avós em bh que já não vem a hora de partir. as duas doentes, da mente, do corpo. uma sem andar. negligenciada pelos filhos. mas lembra de tudo como se fosse agora, palavras dela. e essa é a dor. de tentarem colocar ela de doida mesmo sendo lúcida. e a outra que começou a trabalhar quando criança na roça e não parou até hoje. e acorda 5h da manhã e só para de noite. e para pra ver as notícias terríveis do jornal ou tragédias nas novelas turcas mas que já tão cansada, pesca. dorme. e criou a filha, depois a neta e agora a bisneta. e que ta cansada. da ingratidão da nina. das verduras que não prestam. da fila do sus. das dores e desconfortos do corpo. da falta de dentes na boca.

e eu penso na falta que faz a sociabilidade pra elas, pra não dizer que o dinheiro resolveria tudo. o maior prazer é tv. pouco conversam, pouco trocam. e eu peço nisso, esqueço de ligar. mas sempre que eu posso eu fico lá alguns poucos dias que dá. e com as doninhas também é meio assim nunca dou conta de ouvir todas as histórias e tomar todos os cafés mas sempre que posso eu sento e escuto. e não sei a hora de falar que tenho que ir embora. e foi assim que fiz hora extra semana passada escutando a dona maria, de lourdes. igual minha vó, lourdes, que também é maria.



e de alguma forma o algoritmo do instagram descobriu que eu venho escrevendo esse texto no bloco de notas do computador. e tem me mandado conteúdos relacionados aos sus. alguns de humor, alguns de inspiração. daquela oftalmologista que aprendeu a língua do povo originário que atende. daquele médico que sai andando na rua e cumprimenta e canta com os pacientes que encontra, tamanha intimidade. e do que é mineiro e liga pros pacientes pra saber como eles tão e lembrar da consulta agendada. e dos que colocam adesivo e desenho nas receitas. e eu queria poder viver e sentir isso na minha própria realidade. não fosse a médica da minha equipe ser tão negligente, racista e arrogante.

sobram adjetivos negativos, faltam qualidades. mas que atende uma das áreas, se não a mais, mais vulneráveis. e que faz visita na casa das doninhas brancas da rua do posto que tem mais rede de apoio e acessos mas não vai em quem mais precisa. por alguns metros de distância. mas a distância social nunca foi medida pela distância física né. é isso que aprendemos naquela foto do livro de geografia da escola. mas pra ela é, simples assim. ou ela diz que é. mesmo indo de carro. e fala às risadas que não vai em casa que tiver caindo. mas pra ela é tudo a mesma coisa. então tá tudo caindo. e que sempre tem uma desculpa. e vários esquecimentos. e muito apetite. mas nunca nenhuma iniciativa. que se preze. e dos discursos que reproduz e cria. carimba e legítima. mesmo não tendo um pinga de verdade. que não pede licença e nem fecha as portas. que inventou como justificativa que nos tempos depois das chuvas de fevereiro que estava tendo saques e assaltos. e reforça o estereótipo violento do bairro sem nem saber das ruas que atende. quem nasceu, quem morreu. e o que eu menos aguento nisso tudo é saber que nada mudou. ninguém fez nada. que ao contrário dos editais de cultura, ser médico efetivo não tem muitos pré requisitos. não precisa de empatia nem de letramento racial. só da progressão de salário pra ganhar mais que os enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes de saúde juntos.

e na lei fala que pra ser PSF tem que ter essa equipe multidisciplinar. e na prática não tenho uma equipe, faço parte de uma hierarquia. e não surpreendentemente estou na parte de baixo dela. e no geral eu até que sou meio assim. de fazer sem opinar. não porque não tenho opinião mas por entender as estruturas e achar que o desgate não surtiria qualquer tipo de efeito ou mudança a não ser no meu declínio de saúde mental. e nessas que eu faço tudo que a esther, a tina, a mar, o manuel, a fernanda, os pacientes e basicamente qualquer um pedem. mas com ela eu não consigo.

me estressam as hipocrisias, as contradições e as faltas de noção. por causa dos pacientes. e no geral eu tento lidar com isso já que não dá pra prender ou lobotomizar todos os médicos assim. e o DJONGA (2017) disse ‘fogo nos racistas’ e eu concordo. e a dalva disse

"o trabalho de felinto é muito oportuno e em mim desperta a reflexão sobre a necessidade de que o racista (criminoso) também precisa de tratamento: uma pessoa preconceituosa adoecida e alienada (pelas estruturas segregatórias da sociedade) que agride pessoas pretas, precisa, além de cumprir a sua pena pelo racismo cometido, precisa de tratamento (cabeça e alma) além de letramento racial. as pessoas que nos adoecem precisam ser tratadas para parar de nos adoecer. isto é um fato a ser dialogado em nossa sociedade a fim de desenvolver meios de educar e punir racistas e acolher as vítimas das doenças hegemônicas." (ASSIS, 2024, p. 112).

e eu também concordo.

e naquele dia eu retruquei. naquele dia eu não aceitei a desculpa esfarrapada pra não fazer as visitas que estavam agendadas há semanas. sem ter feito o mínimo de esforço. e questionei indiretamente mas nada demais, meio que apresentando algumas alternativas e soluções simples e lógicas. mas a única lógica que tinha era a dela. basicamente de que não ia porque não queria. e que ainda não quer, agora com novas desculpas. a única coisa que não faltam são as desculpas. e nunca são de eu sinto muito. e pra ela não importa. porque eu que fui na casa da dona elza. eu que escuto os áudios da amália. eu que vejo o tamanho da perna inchada da maré. eu que encontro com a mãe do gustavo. eu que sinto a solidão da marilda. e ela continua dentro do consultório. e a maior distância que percorre é da cadeira para a impressora na recepção. e ainda coloca as alunas da suprema pra atender por ela. mas com o mesmo número de vagas.

e depois disso eu cheguei em casa e escrevi um texto. de não sei quantas páginas. e fiz médias e porcentagens. dos números de consultas agendadas, comparecidas e faltadas. e falei um monte de coisa. inclusive da linha. e ia registrar no caderno de ocorrências mas resolvi deixar pra lá, que depois resolvia, no diálogo. mas enquanto eu conversava com a tina ela veio. e interrompeu. e falou sem parar. sem deixar. e se exaltou. e eu lá de braços cruzados sem acreditar ou saber lidar com aquela cena. e me chamou de sonsa e mentirosa. e me acusou de assédio moral. que eu fui agressiva e gritei. mas tinham várias pessoas na sala e eu nem tenho capacidade oratória e estabilidade emocional pra fazer isso por mais que quisesse. porque o meu sonho é fazer um barraco. mas quem fez foi ela. porque não quer trabalhar e acha uma afronta eu querer.

e no livro ela escreveu um texto. e eu complementei o meu. e depois ela respondeu. e depois eu. e a tina disse que não teria conseguido ficar como eu fiquei. e que ela já tinha falado isso pra ela também. que ela era assim mesmo e já fez com todo mundo. e nada acontece. nem muito menos ela muda. e nem vai. eu falo o mínimo com ela e ela o mínimo comigo. e talvez tenha tomado um pouco de receio ou medo de mim. mas nem tanto a ponto de realmente fazer seu trabalho bem feito. porque comigo faz um escarcéu e com o outro faz na hora. e bem que a duquesa disse na sexta dica: “ajude as pessoas mas não perdoe safados.” (DUQUESA, 2023) e quase um ano depois eu ainda to lutando pela linha.

e isso mexe muito comigo. toda essa sensação de injustiça, impotência, descaso e negligência. então penso na quinta dica: “cuida da sua mente, cuida do seu corpo. fortalece a alma, se tudo desanda você sabe que vai dar ruim. são dias e dias mas você sabe que é foda.” (DUQUESA, 2023) mas se parar pra ver esse meu embate com a dita cuja é meu lugar de fala que a djamila (RIBEIRO, 2019) explica. de romper o pacto com a branquitude da cida (BENTO, 2022) mesmo sendo branca. de saber que isso afeta demais minha saúde mental, meu trabalho e até minha relação com os pacientes mas que isso é pouco e não posso me confortar no refúgio branco que tenta ser antirracista só em novembro. e eu sinto muita raiva. e que às vezes isso me deixa sem dormir de noite e quando eu finalmente consigo aparece nos meus sonhos mas que de certa forma isso é bom. porque a raiva é boa pra escrever e pra não cair no desdém da indiferença do sistema.

e eu percebi isso melhor com a audre lorde quando ela disse: “eu não posso esconder a minha raiva para poupar vocês da culpa” (LORDE, 1981, p. 129) e também que “a raiva é uma reação apropriada a atitudes racistas, assim como a fúria quando as ações decorrentes dessas atitudes não mudam” (LORDE, 1981, p. 128). sendo assim, não posso parar mas também não posso me vitimizar, mesmo sentindo e sabendo que ela se aproveita da minha pouca idade, do meu cargo e por conseguinte do meu papel na hierarquia ali do posto já que com outros mais experientes de idade e de diploma ela não faz isso. se me coloco apenas no lugar de vítima daí seria como ela, com essa fragilidade branca, sempre querendo ser oprimida.

igual naquele episódio de harlem que a angie questiona uma fala racista da, única, atriz branca que no final vira vítima. a ironia ainda maior é que isso acontece na produção dum musical de corra, aquele filme do jordan peele. e falam com a angie que ela tem que pedir desculpa pra branca.

e eu queria dizer como ela: *“fuck you kate. fuck your microaggressions. fuck your white tears that you use as a weapon to distract from your racism. fuck the history of white women like you who got people who look like me harmed or killed because you were too weak to admit your own fucking shortcomings”* (HARLEM, 2021, T1E7) só que isso foi na versão “sonhada” mas na realidade acaba cedendo por causa do dinheiro da peça.

e eu fico nesse dilema. de já ter saído como errada. de ninguém ter feito nada. de esperar a secretária da saúde. de quem manda, literalmente, concordar mas não importa porque quem manda de verdade é o poder simbólico e estrutural dos médicos. de não ter poder nem conhecer ninguém. que provavelmente dariam um jeito de me calar antes de questionar ela. então meu ato de rebeldia é encher a agenda. marcar os preventivos que me pediram mesmo sabendo que provavelmente não vão. ir na casa no dia antes pra lembrar da consulta de controle. e orientar a ir consultar. consertar seus erros. registrar as solicitações não atendidas. e espero alguma intervenção divina já que só a minha não é suficiente.



que precisa-se do ideal comunista socialista porque se não tiver antes dos 30, não tem coração mas se tiver depois dos 30, não tem cérebro. já falou frase do che guevara *hay que endurecerse pero sin perder la ternura jamás* mas a desternura começou com o livro do karl marx quando reprovou na matéria duas vezes. mas que não estava tentando mudar a opinião só do filho de 17 que aí sim tentou mas não conseguiu então entendeu que não adianta. e com ele tem duas músicas em comum, com o de 32, uma e com o de 7, ainda nenhuma. e o seu pai subiu pra cantar com a zezé porque falou que a amava quando ficaram todos em silêncio. e ela perguntou por que e ele respondeu que não sabia, só amava. que não era um ótimo motorista mas era bom. morreu com 82 e ia na praia até os 81 mas sem passar protetor solar.

a única coisa que eu tenho em comum com meu vô por parte de mãe é uma música, por acaso. aquela do paulo sérgio. não creio em mais nada. e isso eu só sei porque um dia minha mãe me pegou escutando e disse que ele também gostava. e dele, do meu vô, do pouco que sei, muito não gosto. do vô paterno, nem uma música e nem um gosto. e talvez coubesse algum anacronismo pra dizer que os homens daquela época eram assim mesmo mas isso não me basta e nem me cabe. é tanta indiferença e desgosto que não sobra empatia. mas mesmo assim, ainda assim, me admira a relação do daniel e do real. da conexão deles. do ensinar violão. do chorar de saudade do vô. do ir correndo mostrar o desenho que fez e voltar mais correndo ainda porque se deparou com uma visita não desejada.

já não lembro mais se de manhã ou de tarde. lembro que fui e a chamei pelo vão do portão. um ou dois gritos no ar gélido. daquela terça ou quarta. e no sofá nos sentamos e conversamos. do jeito que pros filhos ela está igual a sua própria mãe, de uma forma que achou que nunca seria. e a gente nunca acha que vai ser e quando vê já é. inclusive dessa coisa de guardar tudo, principalmente os papéis. mas também sua coleção de brinquedos. e o gozado é que eu já estive naquela sala e naquele sofá algumas muitas vezes. mas quase sempre com o olhar fixo no seu, escutando. o máximo de relance que me permiti foi na televisão e nos porta-retratos ao lado. dos filhos e filhas que conheço só por ela falar e apontar. e até aquele momento apontado não tinha me ocorrido olhar pra baixo dos porta retratos. e lá estavam eles, vários bonequinhos. enfileirados e organizados. todos presentes e ganhados. cada um de uma criança. porque o negócio dela é isso: criança e bicho. e nessa de criança e bicho ela guarda tudo que lembra isso. aquelas coisas de bebê. parte dos filhos. literalmente: umbigo. dente. cabelo. figurativamente: carta. recado. desenho. e que a herança deles já está escrita: dois livros. de receita. escritos a mão.





e de me perceber bonita não porque eu acho. mas quando as doninhas desprestenciosamente dizem entre elas. como se eu não estivesse ali.

(ela não é bonita?)

quando eu tinha uns 7 anos, um menino do prédio ficou lá em casa pra cuidar de mim e do meu irmão. eu pedi um nescou e ele pediu pra ver minha buceta. quando eu tinha uns 14 anos, um menino colocou o dedo na minha calcinha enquanto eu vomitava. contou pros amigos depois que tinha me comido. a safada mais virgem que tinha. quanto eu tinha 15, um menino passou a mão em mim enquanto voltávamos pra casa. amigos da minha amiga. tinha pegado carona com ele e os amigos e no outro dia ele pediu desculpa no chat do facebook falando que tava bêbado. quando eu tinha uns 16, um menino insistiu tanto que eu acabei transando com ele mesmo não querendo. desvirginização compulsória. e eu não lembro quantos anos mas eu morava no são pedro e um homem me seguiu. e um outro, outro dia, também. e eu achei que ele tinha me visto pixar e ia brigar comigo. como eu morava perto não queria que ele visse onde eu morava. então entrei no bahamas comprei não sei o que e ele atrás. sai do mercado e 2 esquinas depois ele perguntou se eu namorava. e que já tinha me visto na uf. e esses são alguns que eu me lembro agora. e um dia minha vó falou que eu não sei falar não.

e esses dias a miséria falou que eu tinha que aprender a dizer não. ou a me impor. algo assim. e eu concordei. enquanto descíamos o escadão. e antes disso o dabá mexeu no meu cabelo. e eu não falei nada daí ele continuou mexendo. e ele é um daqueles velhos alcoólatras que me amam e no geral eu até que gosto. mas por algum milésimo de segundo eu esqueço que sou mulher. e a miséria veio do lado do carro pro outro. e entrou entre nós dois. e falou pra ele não fazer mais aquilo. que era falta de respeito. e ele sem levar a sério. sorrindo com seus poucos dentes na boca. e eu com todos os meus não consegui falar nada.

e eu queria que ela tivesse lá quando o meleca me agarrou. e o pior que eu só percebi que ele fez tudo de propósito depois. porque eu fui lá pra entregar um negócio de fisioterapia pro kevin, amigo dele. e gritei kevin e nada. daí apareceu o meleca. que além de amigo é vizinho. e saiu entrando na casa que tava com a porta aberta. e nessa de fazer visita na casa das pessoas to acostumada a "sair entrando", com permissão e licença claro. e ele chamou o kevin e nada. porque o kevin não tava lá. e ele sabia disso. e me agarrou. e eu tentei me esquivar dos seus braços. e demorei a conseguir. e no final enquanto eu tava saindo de la ele deu um tapa na minha bunda. achando a maior graça do mundo.

não contei pra ninguém. dessa vez ninguém ficou sabendo o que aconteceu. como se já não bastasse os olhares, falas e comportamentos indesejados provenientes de homens cotidianamente. e tinha um peso duplo. como se já não bastasse o assédio, ainda tinha sido no trabalho. e do peso tem aquele já normal que é o medo da represália e do julgamento da vítima. tanto por parte dos usuários quanto dos profissionais. e dos usuários também porque eu que de certa forma eu que sou a intrusa e provavelmente tava pedindo né? ou inventei. e o meleca que é amigo, conhecido, irmão, primo, tio, quase-pai.

e adivinha quem tem que acompanhar a gravidez da mulher dele? quem vai marcar o teste do pézinho do neném? o que é pior: um homem que trai ou um homem que assedia? e na época ela não morava lá e não tava grávida. mas agora diz que tá, morando e grávida.

e nessa eu lembrei daquele episódio de i may destroy you que a arabella tá num grupo de apoio pra vítimas de violência sexual e ela fala:

"i'm here to learn how to avoid being raped. there must be some way, because if there isn't, that means anytime someone could just struck me in a bush and it would happen all over again, and i just... i don't know what kind of world that would be." (I MAY DESTROY YOU, 2020, T1E6)

e eu ainda tento aprender. ando um soco inglês na mão quando vou correr de noite. ou na bolsa no restante dos dias. e um mini estilete no molho de chaves. como se fosse o suficiente.



e a **miséria** é uma personagem polêmica no posto. as más línguas que falam. confesso que nem sempre flor que se cheire mas eu gosto dela. ela tem presença. e esses dias ela disse pro motorista do ônibus que eu sou favela e que era das nossas.

foi o seguinte: depois que virei a esquina vi o ônibus parado em frente ao posto. e dos 6 ônibus que sobem o dom bosco, 2 sobem pela rua do posto. e descem. e ainda tem gente que estaciona o carro na rua. naquela rua espremida. e ninguém sabe como. só diz que a rua não aguenta. e os buracos toda hora aparecem. dai vem alguém da prefeitura tapa e não tardar reaparecem. mas voltando: vi o ônibus, parado. pensei que talvez fosse um motorista novo e tivesse perdido o ponto por alguns metros. mas daí várias pessoas desceram. e eu estranhei porque costuma descer mais gente no ponto seguinte, na rua da igreja, do que ali na esquina da rua do posto. e quando cheguei mais perto percebi que o ônibus tinha era quebrado. o motorista já na calçada no telefone. e a miséria encostada no portão do posto avaliando a situação com aquela propriedade danada. e pro cara do carro de trás que tinha que dar ré. e o cara cismando de subir a calçada. e ela cismando que ele ia subir nela. e pra mim ela falou algo se eu emprestava o celular pro motorista. e pra ele ela disse que eu era favela. e que tava tranquilo. e eu emprestei. mas não deu jeito. então entrei.

e eu fiquei feliz pela espontaneidade. e meio que um certo reconhecimento. mesmo não sermos tão próximas. e por ser quem ela é. e por ser quem ela é no bairro. e foi tipo assim que eu me senti depois do último encontro do layorê. encontrei com o joão e fomos pro bosque. duas meninas sentadas naquela parte de concreto do ponto de ônibus. um relance me fez lembrar da latoia. segui, sentei. e escuto no fundo "amigaaaaa" daquele jeito da latoia falar. e fui até ela. e nos abraçamos. e ela falou pra amiga dela que eu cuidava da comunidade toda e se esquecesse um exame eu levava na sua casa. e eu pensei no peso da responsabilidade de toda essa comunidade, que eu faço tudo que posso mas o quanto ainda falta. mas fiquei feliz pelas palavras. e pelo sorriso dela enquanto fala. e ela falou que o aniversário da hillinha tava chegando. e eu perguntei se era agosto. e ela disse que sim. e eu acho que é dia 23 de agosto mas não tenho certeza. mas ela falou que ia me chamar e que era pra eu ir.

e a latoia é outra. com presença. e foi uma das primeiras pessoas que eu conheci e me acolheu no chapadão. e viramos amigas mas as circunstâncias se encarregaram de nos distanciar. e ela é artista. e talvez seja por isso que prefere escrever latoya. talvez pelo mesmo motivo que e no laroyê é y.

e a carol falou das entidades. da miséria. e eu lembrei da **bonita**. e que coincidentemente as duas são archi-inimigas. por alguma implicância específica ou estrutural. então não se bicam. mas se parecem. porque a bonita é outra personagem do posto. ambas com aquela propriedade danada. com a presença que enche o espaço. mas cada uma de um lado. a miséria usuária e a bonita funcionária.

ps: usuária é usuária do sus, forma que muitas vezes nos referimos aos pacientes. não é usuária de drogas como antes eu associava a palavra usuário, caso você também tenha pensado nisso.





e quando eu termino um cadastro explico que o bairro foi dividido em 4 áreas dependendo da rua que mora tem uma equipe com um médicx, enfermeirx, técnicx de enfermagem (que a prefeitura contrata como auxiliar de enfermagem pra ganhar menos do que já ganham). no seu caso que mora ness rua a médica é a dra tal, o enfermeiro x, técnicx tá sem e agente de saúde sou eu, meu nome é flavia (costumo falar antes, claro, mas sempre costumam esquecer, claro).

dai depois quando o vizinho chama ou alguém liga no celular falam: a assistente social tá aqui ou às vezes: enfermeira e médica ou muitas vezes: a menina do posto. e a precarização do sus acaba levando a esse multifuncionalismo mesmo. acs vira assistente social. vira recepcionista. vira designer. vira psicólogo. vira correios e delivery. vira tanta coisa pra conseguir lidar com as reclamações. o médico que demora. o exame que não sai. o filho que não ajuda. o trabalho que cansa. as mãos que doem. o mercado que ta caro. os vizinhos que fofocam. a margarida que só faz boniteza.

e hoje minha mãe me falou que lá no posto dela, em petrópolis, tem tudo. tem psiquiatra. tem geriatra. tem pediatria. tem ginecologista. tem até ortopedista. não tem que esperar o matriciamento do caps 1x por mês. não tem que explicar pra fátima que o último matriciamento não teve porque foi feriado e o de agora não deu tempo de passar o caso dela. ou o ortopedista que demora 2 anos. nem a consulta da jade que não sai desde 2024 e a perícia que é em agosto, e olha que a dela é retorno no pam marechal. porque se não fosse no retorno E no pam, era ainda mais. não tem que explicar que não tem ginecologista nem pediatria nem geriatra mas que o médico da família atende do bebe até o idoso o que conseguir e o que não conseguir encaminha.

faltam explicações, quer dizer, não falta mas também supõe-se um certo profissionalismo e um cado de otimismo e amenismo pra dizer que quando sair eu ligo e que logo logo ele te chama e não culpar o sistema, a política, o agronegócio, as big techs, a indústria farmacêutica e os super-ricos.

será pra onde vão todos os médicos recém formados na suprema que fazem estágio obrigatório lá no posto? será que os consultórios dos pais no edifício das clínicas já não estão cheios o suficiente?

tudo isso pra dizer que não deu pra dizer tudo. da forma que as canetas são tesouro no posto, mesmo na era da digitalidade. do jeito que cobrir a falta de estrutura é um risco. porque naquilo que entramos de ter uma área e não uma microárea agora a prefeitura decidiu que é hora de termos microáreas. não por pensar a gente ou nos usuários mas sim no dinheiro, do cofinanciamento. o que a princípio poderia ser bom pra nós, de mais de 2 mil pessoas poderei ficar responsável por no máximo 750 como diz na lei. ou talvez até 550 como diz o sindicato pra áreas vulneráveis. mas na prática significa que eu vou ter que explicar pra lina ou pra todos que já me conhecem me param na rua ou mandam mensagem e dizer que não sou mais sua acs. e se perguntarem quem é então vou ter que dizer ninguém, porque as microáreas vão ficar descobertas. e é claro que eu não vou conseguir fazer isso. mas é claro que vou ficar ainda mais sobrecarregada do que já estou porque o cofinanciamento vai começar a valer e tudo que eu fizer fora da minha microárea não vai contar de nada.

e também dos eventos recentes, que depois da chuva de fevereiro muitos saíram de casa e outros tinham que sair mas não saíram. e que meses antes, em agosto do ano passado o dom bosco foi selecionado pro programa de aceleração do crescimento (PAC) periferia viva, do governo federal pra requalificação urbana. 40 milhões destinados. e foram lá e fizeram uma reunião no chapadão falando que iam fazer não sei o que. e nada foi feito. e agora quase 1 ano depois o plano é o mesmo de 1903. só que invés do bota abaixo do pereira passos no rio é a margarida salomão em 2026 no chapadão.

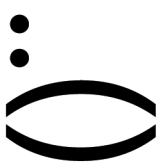
o plano é demolir tudo. dar uns trocados em troca. e construir, prédios brancos. problema resolvido. é aquilo "justiça pra pilantra é ditadura pra pereira" (DV tribo, 2016)

pra que levar em conta o que faz a periferia ser viva? ah é, isso só conta na hora de ganhar verba. mas na hora de escutar os moradores, suas histórias, desejos e necessidades não tem porquê. pelo contrário, garantem que não serão ouvidos. fazem isso com a opressão da polícia militar. desligam e selam os celulares dos moradores para que mais uma vez a história não seja documentada como realmente é. o que os moradores ganham, ao contrário das notícias, são as ameaças: se não quiser sair, vai ficar sem luz, sem água e sem vida.

mas pra não terminar no copo meio vazio, eis o meio cheio. de todos os encontros e trocas com as doninhas, os crias, as crianças que não couberam aqui. de tudo que eu aprendi. de todos os abraços e carinho. e isso tá parecendo meio narcisista demais falar só sobre o impacto em relação a mim mas pensando que é recíproco. pelo jeito que a marta falou com a amiga que eu não deixo ela perder exame e consulta porque vou lá lembra-la. do jeito que a tayssa agradeceu o bilhete que eu deixei quando não achei em casa. dos ímas de geladeira com os remédios/horários que eu fiz pra dona célia e pro domingos. pelo jeito que falam que eu sumi ou que não fui almoçar lá ainda. eu espero que tenha dado pra sentir minimamente tudo isso.



BIBLIOGRAFIA



||*...

']



ALCOFORADO, Michel. **Coisa de rico**: a vida dos endinheirados brasileiros. São Paulo: Todavia, 2025.

ALCOFORADO, Michel; ZAMPIROLI, Oswaldo. **É tudo culpa da cultura**: o corpo velho. Apresentação: Michel Alcoforado. Podcast. 57 min. 15 jul. 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ewdvtVzTc7w>>; Acesso em: 31 Mai. 2026

AQUILOMBAR o antropoceno, contra-colonizar a ecologia. Fórum do livro Uma ecologia decolonial. Participação de Antônio Bispo dos Santos (Nêgo Bispo) e Malcom Ferdinand. São Paulo: Centro de Estudos Ameríndios (CEstA/USP), 2020. Vídeo (aprox. 1h55min). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=7RCuzE6b83k&utm>> Acesso em: 20 Mai. 2026

ASSIS, Dalva França de. **Manual de sobrevivência**: lutas de uma mulher artista preta no combate ao racismo estrutural. 2024. 146 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Florianópolis, 2024. Disponível em: <<https://repositorio.udesc.br/bitstreams/11ecc67c-5c21-444e-98ae-284028de2864/download>>; Acesso em: 27 Mar. 2026

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo**: um estudo sobre a branquitude no Brasil. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/items/e1c04e6f-2f8d-4a95-bab4-fb7e75ec34fe>>; Acesso em: 10 Jun. 2026

CONTOSDETRAÇA; MARIÁ, Iúna. **Fuja agora, ou cale-se para sempre**. Instagram, 13 abr. 2026. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/DXEmlG4iMjM/>>; Acesso em: 9 Jun. 2026

DUQUESA. **Big D!!!!**. YouTube, 2023. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vvGfFg3LzIQ>> Duquesa - Big D (Official Visual). Acesso em: 3 mai. 2026

DJONGA; NASCIMENTO, Milton. **Demoro a dormir**. Intérpretes: Djonga e Milton Nascimento. In: Quanto mais eu como, mais fome eu sinto! Belo Horizonte: A Quadrilha, 2025. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UMp6v9aWzPk>> Acesso em: 12 jul. 2026.

DJONGA. **Olho de Tigre**. In: Heresia. Belo Horizonte: CEIA Ent.; Pineapple StormTV, 2017. Faixa musical. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=kaebq5PH8e8>>; Acesso em: 9 Jun. 2026

DV TRIBO. **Hino**. Letra: Oreia, Djonga e FBC. Produção musical: Coyote Beats. Belo Horizonte: DV Tribo, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_r_idvisCTE&list=RD_r_idvisCTE&start_radio=1> Acesso em: 13 jul. 2026.

EVARISTO, Conceição. **A escritvivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). *Escritvivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

EVARISTO, Macaé. Macaé Evaristo destaca centralidade dos territórios na promoção dos direitos humanos. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 5 mar. 2026. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2026/marco/macaeevaristo-destaca-centralidade-dos-territorios-na-promocao-dos-direitos-humanos>>

FOSTER, Hall. 1996. **The Return of the real**, The Avant-Garde at the End of the Century, Cambridge, Massachusetts, London: The MIT Press.

GYILO; TIZZY. **Traumas**. YouTube, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ys7FlqCFf6k&list=RDys7FlqCFf6k&start_radio=1>. Acesso em: 7 maio 2026.

HARLEM. Temporada 1, episódio 7. Criado por Tracy Oliver. Direção: Kimberley McCullough. Estados Unidos: Amazon Studios, 2021. Disponível em: <https://www.primevideo.com/>

HILTON, Erika. ErikaPod: Urias. Podcast. São Paulo: Peri Produções, 2026. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=brQLhjLwVRU>>. Acesso em: 25 mai. 2026.

I MAY DESTROY YOU. Criação e roteiro: Michaela Coel. Reino Unido: BBC One; HBO, 2020. 1 temporada. Episódio 6: The Alliance.

LORDE, Audre. **The uses of anger**: women responding to racism [Os usos da raiva: mulheres respondendo ao racismo]. Apresentado na National Women's Studies Association Conference, Storrs, Connecticut, jun. 1981. Disponível em: <<https://blackpast.org/african-american-history/1981-audre-lorde-uses-anger-women-responding-racism/>>

LIMA, Élida. **Cartas ao Max**: afectos e poesia. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/15144/1/Elida%20Lima.pdf>>

MANCINI, Noah. **Fraga Podcast #02** – Espaços de arte e expositivos em Juiz de Fora. Descrição de episódio publicada na plataforma SoundCloud, 2022. Disponível em: <<https://soundcloud.com/user-85452970-943996318/fraga-podcast-02-espacos-de-arte-em-juiz-de-fora>> Acesso em: 7 maio 2026.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. **O latino indolente**: caráter ideológico do fatalismo latino-americano. In: MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Crítica e libertação na Psicologia: estudos psicossociais*. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 173-203. Disponível em: <<https://dokumen.pub/critica-e-libertao-na-psicologia-9788532654557.html>>

MOMBAÇA, Jota. **Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada**. Revista Concinnitas, [S. l.], v. 1, n. 28, p. 334–354, 2016. Disponível em <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/25925>>

NEGA PRETO; TOPRE. **Do Ruço Pra Cá**. In: Canções do Lar. Faixa 3. 2021. Vídeo com letra. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=51tgOCK3ok8>>; Acesso em: 10 Jun 2026

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais). Disponível em: <<https://dn721502.ca.archive.org/0/items/lugar-de-fala-feminismos-plura-djamila-ribeiro/Lugar%20de%20Fala%20%28Feminismos%20Plura%20-%20Djamila%20Ribeiro.pdf>>; Acesso em: 04 Jun 2026

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: Modos e Significações. Brasília: INCTI/UnB, 2015. Disponível em: <http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf>; Acesso em: 09 Jun 2026

REINALDO / JANE CI CARLOS / ROSIMAR TIA LIA
M. CLARA / BEATO / ANA CAROLINA ALEX V LUVAN / ROSIMAR JANE CI CARLOS / ROSIMAR
ERICA CARTÃO eourea FELIPE BEH X
LUCIANA SONIA JOÃO B ARAUJO / ROSIMAR REGINA ERICA / MARCINHA
SUELI AZEVEDO / RENATA / ANA MARIA JOÃO B. / RAU / LUANA
VANESSA / VALERIA FABIALLY X REGINA / ANA MARIA
EDIOREIRA VANESSA / I. MICE AMANDA X EDILEIZA
LUCY LUCY WORENA / IPOLITA / ANA MARIA NEUSA / JOSE
CLAUDIA SUELI FELIPE REGINA VANESSA / FULMINEIRA / ANA MARIA LILIA / RAU
ROBERTA / ISOLDA B. - O CARTÃO SUELI ROSA JOENMA / AMANDA V
JACKSON IARA / THAYANA V M. DE LOURDES 9849-2245
NARA LILIAN V MARCIA / DALMO V
PATRICIA / WALDOMIRO / JANE SOMA / REAL CI CARLOS / ROSIMAR
LUCIA MARIA LUCIA IRENEA WALDOMIRO / WALTER / NARA
NATINHA V B. A LUVAN / ROSIMAR LUCIA / ANA MARIA
ERICA V WUIZ CLAUDIO SUELI CIDA CONCEICAO
REGINA / ANA MARIA V WORENA / JANE LUVAN / ROSIMAR
DELINA X ANA CAROLINA X VANESSA / I. MICE CNS VICTOR HUGO V
MARIA V JOÃO VICENTE SUELI TIA LIA 28/05
JOENMA / AMANDA V JOÃO VICENTE SUELI TIA LIA 28/05
M. DE LOURDES / MARTHA / DALMO V ZAZA V D. MARIA KAKAI
SONIA - ATT SUELI V M. MARTA KAKAI
B. A X IIM KAKAI
LUS OTAVIO / CIA KARINA / ISADORA / SERENA V
MARIA MARTA V JOÃO CASSIMIRO / LUCIANA
SIMONE V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
TEREZA CHINA / M. DE LOURDES / MARTHA / DALMO V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
KAMILLY X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LUCIANA X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
AFRÂNIA X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
PATRICIA / ROSIMAR V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
BENITA X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
SONIA BIDA ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
FELIPE GASTRO IIM ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
JORGE V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
WALDOMIRO ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
ZECÃO V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
SONIA FRAVEZADA V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
GEOVANA V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
M. SANTI / GERARDO X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
VALERIA V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
M. JOSÉ. mt tempo ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LILIAN CALOR + FALTA DE ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
AKAI IIM ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LUCIA WUIZ CLAUDIO V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
VERA PEREIRA ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LUCIANA SONIA JOÃO B. ARAUJO / ROSIMAR REGINA ERICA / MARCINHA
SUELI AZEVEDO / RENATA / ANA MARIA JOÃO B. / RAU / LUANA
VANESSA / VALERIA FABIALLY X REGINA / ANA MARIA
EDIOREIRA VANESSA / I. MICE AMANDA X EDILEIZA
LUCY LUCY WORENA / IPOLITA / ANA MARIA NEUSA / JOSE
CLAUDIA SUELI FELIPE REGINA VANESSA / FULMINEIRA / ANA MARIA LILIA / RAU
ROBERTA / ISOLDA B. - O CARTÃO SUELI ROSA JOENMA / AMANDA V
JACKSON IARA / THAYANA V M. DE LOURDES 9849-2245
NARA LILIAN V MARCIA / DALMO V
PATRICIA / WALDOMIRO / JANE SOMA / REAL CI CARLOS / ROSIMAR
LUCIA MARIA LUCIA IRENEA WALDOMIRO / WALTER / NARA
NATINHA V B. A LUVAN / ROSIMAR LUCIA / ANA MARIA
ERICA V WUIZ CLAUDIO SUELI CIDA CONCEICAO
REGINA / ANA MARIA V WORENA / JANE LUVAN / ROSIMAR
DELINA X ANA CAROLINA X VANESSA / I. MICE CNS VICTOR HUGO V
MARIA V JOÃO VICENTE SUELI TIA LIA 28/05
JOENMA / AMANDA V JOÃO VICENTE SUELI TIA LIA 28/05
M. DE LOURDES / MARTHA / DALMO V ZAZA V D. MARIA KAKAI
SONIA - ATT SUELI V M. MARTA KAKAI
B. A X IIM KAKAI
LUS OTAVIO / CIA KARINA / ISADORA / SERENA V
MARIA MARTA V JOÃO CASSIMIRO / LUCIANA
SIMONE V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
TEREZA CHINA / M. DE LOURDES / MARTHA / DALMO V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
KAMILLY X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LUCIANA X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
AFRÂNIA X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
PATRICIA / ROSIMAR V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
BENITA X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
SONIA BIDA ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
FELIPE GASTRO IIM ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
JORGE V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
WALDOMIRO ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
ZECÃO V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
SONIA FRAVEZADA V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
GEOVANA V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
M. SANTI / GERARDO X ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
VALERIA V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
M. JOSÉ. mt tempo ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LILIAN CALOR + FALTA DE ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
AKAI IIM ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
LUCIA WUIZ CLAUDIO V ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA
VERA PEREIRA ROSANE / MARIA NEUSA / JOENMA / AMANDA